

13-3-13b)

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II | S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1926 | N.º 14

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:
Largo do Arouche, 62

Redactor-director:
Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:
Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geographia. 4 — Historia do Brasil. 5 — Instrucção moral e civica. 6 — Physica. 7 — Hygiene. 8 — Zoologia.

PEDOLOGIA: 1 — Evolução psychica da criança. 2 — A imaginação e suas variedades na criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Os oleos. 2 — As agulhas. 3 — O pirarucú. 4 — Os phosphoros. 5 — A cabra. 6 — O tempo. 7 — A imprensa. 8 — A pesca.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Trabalho manual. 3 — Uma instituição util. 4 — A lingua vernacula. 5 — Importancia do brinquedo nas escolas.

LITERATURA INFANTIL: 1 — A boa lição. 2 — O rio. 3 — Uma lição. 4 — Não faças a outrem... 5 — A arvore. 6 — Porque? 7 — Uma historia. 8 — Os gatos. 9 — O jardim da vovó. 10 — Contentese com sua sorte. 11 — "Festa da Bandeira."

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jogos escolares.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — A lenda da mandioca. 2 — O jogo do bicho. 3 — A opinião do mestre. 4 — Adivinhas. 5 — Tróvas, brocados e aphorismos.

ESCOTISMO.

VULTOS E FACTOS: 1 — Rosalina Coelho Lisboa.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Mentirinhas.

INSTRUCCÃO PUBLICA.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1926

b.

REVISTA ESCOLAR

ORGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II | S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1926

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — fevereiro — 1926.

Andam por ahí alguns zoilos a malsinar esta REVISTA, e parece-nos que assim procedem, por não terem podido ainda lobrigar-lhe siquer o intuito méramente orientador na parte relativa ás suas lições praticas sobre diversas materias dos nossos programmas escolares. Todavia, força é confessar, si o estrabismo didactico de semelhantes criticomanos não lhes permite enxergar as coisas através da sua justa significação, nem por isso perdeu o grau de acuidade sufficiente para concorrer com o microscopio: como este, o seu olho critico descobre moleculas, particulas, atomos... mas, infelizmente, não reune o todo, não observa a harmonia do conjunto.

Tamborilando uns a sua aversão pelas referidas lições, trombeteando outros o seu menosprezo pelas mesmas, vão todos elles, unanimemente e numa obcecação impulsiva, morbida, proclamando o veredicto apurado no cenaculo que alcandoraram lá no Himalaia da sua sapiencia.

Vejam os anathema fulminante, lançado de tão altos pincaros: — “Essas lições não prestam porque são constituidas de perguntas e respostas.”

Ora, ahí está a “ultima ratio” para justificar a malsinação! Ahí está (“stupete, gentes!”) o “ridiculus mus” da colossal montanha!

Ah!... o que nós rimos!... Mas, emfim, escarpelizemos um pouco o animalejo; comprimamol-o, em seguida, no torniquete do bom senso, a vêr o que delle ressuma.



Primeiramente, onde, quando e como houve ensino, "para crianças," sem perguntas e, conseqüentemente, sem as respectivas respostas?

Em parte alguma, nunca e de modo algum, a não sêr que queiramos dar foros de ensino á "prelecção" — o que, no caso, é um monstruoso absurdo, por sêr esta incompatível com o alcance mental da criança e um processo que não responde, absolutamente, á delicada natureza da instrucção infantil. Esta se abebera nas fontes emanadas do proprio espirito do pequeno estudante, ahi penetra e dahi retira noções ainda vagas, rudimentares, com o fito de esclarecel-as, amplial-as e, finalmente, trans-formal-as em conhecimentos verdadeiros; além disto, prepara as debeis intelligencias para ulteriores e mais elevados ensinamentos.

Ora, assim sendo, como conduzir o ensino infantil, sem o emprego da interrogação? Como indagar o mestre dessas noções, sem tal recurso? E, como corollario, onde pergunta sem resposta?

Não vinga, pois, o argumento que vimos impugnando.

E' fóra de duvida que o processo interrogativo, applicado sem methodo, sem ordem, pouco, ou melhor, nenhum valor representa na escola primaria; antes, é sobremaneira prejudicial ao pequeno estudante. Mas, dahi a affirmar categoricamente a sua inutilidade, sómente porque elle se evidencia por perguntas e respostas, vae tão grande distancia como a que existe entre a verdade e o erro.

Não é licito nem admissivel que semelhante affirmativa tenha o endosso do mestre consciencioso, do véro educador, daquelle que sabe applicar intelligentemente os recursos da didactica, consoante as leis e regras da psychologia infantil. Esse professor naturalmente verá na interrogação um instrumento "triplice" de ensino, debaixo dos seguintes aspectos: "pesquisa," "dircção" e "enriquecimento" intellectual da criança. Verá tudo isto, porquanto: 1.º — "descobrirá" certo cabedal de conhecimentos embora vagamente accumulados no espirito do seu discipulo; 2.º —

“corrigirá” noções porventura erroneas; 3.º — “enriquecerá” taes noções, dando-lhes maior amplitude e dellas fazendo derivar outras que as integralizem.

A interrogação, assim orientada, não póde deixar de ter bom exito; ella representa uma agradável conversação entre mestre e alumno, na qual os assumptos irão se desenvolvendo com toda naturalidade e os conhecimentos irão se ampliando com toda segurança.

Não ha processo melhor adequado ao ensinamento infantil, pois delle surgem, espontaneamente, as “comparações,” as “analogias,” que tão bem dirigem o espirito á “inducção” e “deducção.”

Esse era o methodo creado e adoptado por Socrates — methodo que o tornou celebre até aos nossos dias. Era o seu processo predilecto de ensinar, formulando habeis perguntas, estabelecendo comparações tiradas das coisas mais familiares e mais vulgares, conduzindo a mente do discipulo dum factio particular a outro geral, duma verdade a outra mais elevada. Era, emfim, o meio pelo qual elle punha em evidencia e desenvolvia as idéas do alumno, de modo que este chegasse, por si mesmo, ao conhecimento do assumpto em questão.

E' em tal processo, conhecido por — “inducção socratica,” que se apoia o ensino por meio da interrogação.

A interrogação, pois, é uma palestra em que mais uma vez se confirma o comezinho principio pedagogico: — “ir do conhecido para o desconhecido;” é a prova provada em defesa do processo interrogativo.

Assim realizada, jámais poderá sêr acoimada de mau processo didactico.

E' é assim que a REVISTA ESCOLAR considera a processuação interrogativa. Entretanto, suas lições praticas, vasadas nesse molde, representam apenas uma norma geral aos que ainda incipientes no magisterio, dellas se queiram aproveitar.



LIÇÕES PRÁTICAS

LINGUAGEM

ADJECTIVO QUALIFICATIVO

Descobrimo semelhanças de emprego e funções entre as palavras, as crianças perceberão que umas pertencem a certa classe, outras a classe diferente. Só então é que se dará, si se quizer, o nome a essas classes. As crianças ficarão ainda aptas a dar definições claras, aprendendo praticamente a gramática.

(No quadro-negro o professor esboçará um papagaio, a principio sem rabo.)

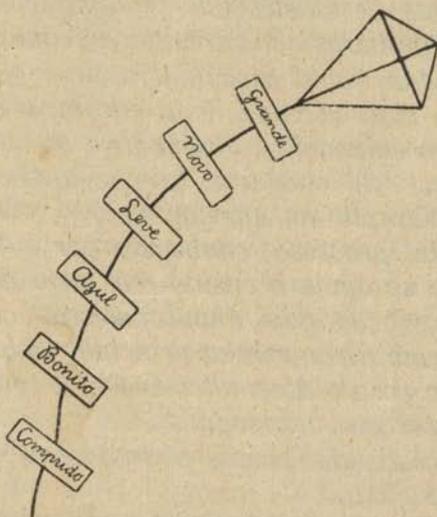


FIG. 1

Professor. — Vejam o que eu desenhei aqui. Que é isto?

Alumno. — É um papagaio, mas falta-lhe o rabo. Assim, não está acabado.

A. — Sem rabo, não sóbe.

Professor. — Vocês têm razão. (Traçando o rabo.) Vou desenhar o rabo e nelle uns rectangulos. Em cada um desses re-

ctangulos escreveremos palavras que descrevam o nosso papagaio e mostrem qualidades que lhe queiramos dar.

Diga você, Alberto, como quer o papagaio?

A. — *Grande.*

P. — Escreva essa palavra no primeiro rectangulo.

A. — Prompto, professor.

P. — Arthur, que outra palavra descreve, conta como o papagaio é?

A. — *Novo.*

P. — Escreva-a, no segundo rectangulo . . . Armando, como quer você o papagaio?

A. — *Leve.*

P. — Escreva essa palavra no terceiro rectangulo . . . Fausto, dê-nos outra qualidade que um papagaio pôde ter.

A. — *Azul.*

P. — Escreva a palavra no quarto rectangulo . . . Outra qualidade, Renato?

A. — *Bonito.*

P. — Escreva — *bonito*, no quinto rectangulo.

A. — Agora, o papagaio tem rabo e rabo bem comprido!

P. — Ahi está outra qualidade.

A. — Vou escrever — *comprido*, aqui no ultimo rectangulo.

P. — (Apontando as palavras escritas.) Leia, Americo, todas as palavras que descrevem, que contam como é o nosso papagaio.

A. — (Lendo.) *Grande, novo, leve, azul, bonito e comprido.*

P. — E si elle não fôsse *grande*, como seria?

A. — *Pequeno.*

P. — Ahi temos outra qualidade que o papagaio pôde ter . . . E si não fosse *novo*?

A. — Seria *velho*.

(*O mesmo exercicio com os outros qualificativos.*)

P. — (Desenhando uma rôda, como se vê da fig. 2.) Cada qual de vocês vae escrever, em cada um dos raios desta rôda, uma qualidade que o livro pôde ter.

(Irão os alumnos, um a um, escrever um qualificativo, tomando cuidado para que não haja repetição.)

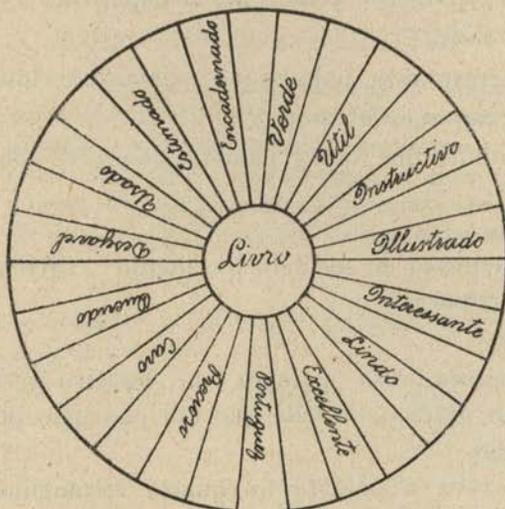


FIG. 2

P. — Agora, sou eu quem vae escrever. (Escreve sentenças em que entrem palavras muito conhecidas das crianças.)

1. — *Este livro velho tem a capa estragada.*
2. — *Meu gato preto está doente.*

Na primeira sentença, Paulo, que palavras vê você, que mostrem qualidades?

A. — *Velho* é a qualidade do livro, e *estragada* mostra a qualidade da capa.

P. — E na segunda, Pedro?

A. — *Preto* é a qualidade do gato, e *doente* também nos mostra uma qualidade.

P. — Que fórmula tem esta laranja, Pedro?

A. — *E' esférica.*

P. — (Mostrando á classe um lapis e uma caneta.) Digam-me que qualidades communs têm estes dois objectos?

A. — São *uteis.*

A. — *Duros.*

A. — *Novos.*

P. — Muito bem. Todas as palavras que descrevem as qua-

lidades dos objectos ou das pessoas, chamam-se — *adjectivos qualificativos*.

A. — Então, *uteis, pretos, duros, novos* são *adjectivos qualificativos*?

P. — Justamente.

A. — Tambem as palavras escritas no papagaio e na ródá são *adjectivos qualificativos*?

P. — Exactamente.

A. — Ellas qualificam *papagaio* e *livro*, não é, professor?

P. — E' isso mesmo. Agora, vamos fazer uma ródá. Eu ficarei no meio. Vamos brincar o *brinquedo do adjectivo qualificativo*.

Quando eu indicar um de vocês, dando-lhe o nome dum objecto, duma coisa, o alumno apontado immediatamente dará a esse nome uma *qualidade*. Si não der, até que eu conte dez, irá sentar-se. Aquelle que repetir uma qualidade já mencionada, tambem irá sentar-se. Estão promptos?

A. — Prompto, professor.

P. — Vamos.

(Continuará o jogo um certo numero de minutos, ou até que o professor seja o unico em pé, como no começo da lição. A segunda vez que este jogo fôr feito, poderão os alumnos apontados formar sentenças com os substantivos aos quaes derem as qualidades.)

*
**

CORRECÇÕES GRAMMATICAES

(CLASSE ADEANTADA)

Aprendidas praticamente algumas regras grammaticaes, nada mais util do que sua applicação nos exercicios de linguagem escrita.

Na presente lição, os alumnos, pelo exercicio e pela pratica, gravarão na mente noções claras sobre certos preceitos da linguagem, o que não succederia si se lhes fizesse decorar a esmo regras grammaticaes relativas a taes preceitos.

Professora. — Vamos tratar hoje, nesta aula de linguagem, de corrigir alguns erros grammaticaes que vocês continúam

ainda a praticar quer oralmente, quer na escrita. Não quero que ninguém se distraia durante a explicação. Vá á lousa, Jessy, e escreva o que eu vou ditar.

Alumna. — (Escrevendo.) ENBORA QUE *voçê esteja com os HONBROS machucados, ENPREGUE todos os esforços para ajudar-me hoje.*

P. — Está certo, Odette?

A. — (Depois de ligeiro exame.) Está, sim, senhora.

P. — Quem é capaz de assignalar, pondo um traço debaixo, as palavras erradas? Sente-se, Jessy.

A. — Eu.

A. — Eu.

P. — Bem; já sei que a maioria de vocês não se esqueceu da lição que eu expliquei terça-feira. Vamos vêr você, Henny.

A. — (Assignala as palavras erradas.)

P. — Muito bem. São ellas: *enbora, honbro e enpregue*. Porque, Henny, essas palavras estão erradas?

A. — Porque, na lição passada, a senhora nos disse que antes de *b, p, m*, escreve-se *m* e não *n*, e que antes das outras consoantes, póde-se escrever *n*.

P. — Justamente. Quem é capaz de dar-me mais exemplos?

A. — Eu posso, professora. (Dá exemplos.)

P. — Perfeitamente: *impio, imperio, embora, hombro; entrar, insistir, intento*.

A. — Mas, porque, professora, certas palavras são escritas cantrariando a regra, como por exemplo: *emtanto, comsigo, com-migo, comtigo?*

P. — Eu já esperava, Letty, a sua pergunta, á vista da inquietação que a dominava. Essas palavras que você disse e mais algumas outras, taes como: *bemdito, emfim, emquanto* etc., deixam de satisfazer á regra, porque são vocabulos compostos, isto e, palavras para cuja formação concorrem duas ou mais palavras.

A. — E' exacto! ... é isso mesmo ...

P. — Analysemos a palavra *commigo*. Vemos que este vocabulo é formado de *com* e *migo*; *com*, como já vimos, é ... é ...

A. — *Preposição simples*.

P. — Como assim? Ha então preposições compostas?

A. — Ha, sim, senhora; já aprendemos que estas preposições se chamam *locuções prepositivas*.

P. — Muito bem. Dê-me agora um exemplo.

A. — *Além de, quem de, fóra de...*

P. — Basta... *Migo* que vem a sêr? Quem sabe?

A. — (?)

P. — Não se lembram, então? E' uma variação do pronome da 1.^a pessoa do singular. Qual é essa pessoa? Quem me dirá?

A. — Eu.

A. — Eu.

P. — Diga você, Letty.

A. — (?)

P. — Pense bem, Letty, na palavra que suas collegas disseram, quando eu formulei a pergunta.

A. — Lembrei-me, agora, professora: *eu*.

P. — E' isso mesmo. *Eu*, então, é o pronome da 1.^a pessoa do singular. Falta-me agora corrigir um erro que Henny deixou escapar. Quem me dirá onde se acha esse erro?

A. — (?)

P. — Ninguem sabe? Nem você, Nelly? Pois bem, eu vou dizer.

Existe uma regra de grammatica que não admite *QUE* depois de *embora*. Portanto, essa palavra naquella sentença é demais. Deve-se, pois, dizer: *embora você esteja* etc., e não: *embora QUE você...* etc.

Na proxima aula continuarei a explicação. Basta por hoje.



ARITHMETICA

JUROS

Os problemas de juros prestam-se admiravelmente ao calculo mental, não só pelo seu valor pratico, como pela grande variedade de exercicios que offerecem.

Nesta primeira lição de juros os termos taxa, tempo, principal, porcentagem, não precisam sêr empregados. Os alumnos não deverão perceber que estão aprendendo coisa nova.

Professor. — Temos resolvido problemas sobre aluguel de casas, de chacaras, de cavallos, de automoveis etc. Será que poderemos alugar tambem dinheiro, pagar pelo seu uso?

Alumno. — (?)

P. — Podemos, sim. Mas, vejamos bem: *qualquer pessoa* pôde alugar dinheiro de outra?

A. — Eu penso que qualquer pessoa não pôde.

P. — Porque?

P. — Porque algumas pessoas são capazes de não restituir outra vez o dinheiro. Nem todos são honestos . . .

P. — Respondeu muito bem. Mas, as pessoas honestas pagam sempre o que tomam emprestado?

A. — Sempre que pôdem.

P. — Sim; nem toda a pessoa honesta pôde pagar o dinheiro emprestado. Que é preciso então saber, ter certeza, antes de emprestar dinheiro a outrem?

A. — Eu penso que precisamos saber não sómente si a pessoa é honesta, mas si tem com o que pagar.

P. — Mas, porque precisará essa pessoa dum emprestimo, si ella tem com o que pagar?

A. — Ah! . . . mas pôde sêr que não o tenha na occasião.

P. — Que poderá a pessoa possuir que corresponda ao dinheiro emprestado?

A. — Terrenos.

A. — Casas.

P. — Muito bem. Supponhamos que o Sr. Barros obteve um empréstimo de 600\$000 e ficou com esse dinheiro um anno. No fim do anno terá elle de pagar só os 600\$, ou mais?

A. — Terá que pagar mais.

P. — Porque?

A. — (?)

P. — Precisa pagar mais, pelo empréstimo, pelo uso, pelo aluguel do dinheiro.

A. — E' mesmo!... assim como se paga pelo uso, pelo aluguel duma casa, dum automovel, dum cavallo etc.

P. — E, si elle recebesse essa quantia por 5 annos, teria que esperar até ao fim desse tempo para entrar com algum dinheiro?

A. — Pensô que precisava pagar o aluguel todos os annos, como se paga o aluguel mensal duma casa.

P. — Sim... conforme a combinação feita... Si o Sr. Barros recebesse 100\$000 emprestados por um anno, e pagasse 6\$000 pelo seu *uso*, quanto teria de pagar pelo empréstimo de 200\$?

A. — O dobro: 12\$000.

P. — E por 300\$000?

A. — Dezoito mil réis.

(*Aqui, o professor dará varios exercicios.*)

P. — Si eu pagar 30\$000 pelo empréstimo duma quantia durante 1 anno, quanto deverei pagar pela mesma quantia, durante 2 annos?

A. — O dobro: 60\$000.

P. — Quanto devo pagar pela mesma quantia durante 6 mezes?

A. — A metade: 15\$000.

(*Varios exemplos com annos, mezes etc.*)

P. — Si eu emprestar dinheiro a alguém e receber 20\$ dessa pessoa, durante 1 anno, por quanto tempo preciso emprestar a mesma quantia para me render 40\$000?

A. — Dois annos.

P. — E em quanto tempo receberei 80\$000?

A. — Em 4 annos.

(Variedade de exemplos analogos.)

P. — Vão vendo o que eu escrevo no quadro-negro:

- 1) Por 100\$000, em 1 anno, pago 8\$000.
- 2) Por 200\$, em 1 anno, pago ?
- 3) Por 500\$, em 1 anno, pago ?
- 4) Por 800\$, em 1 anno, pago ?

Paulo vae escrever a resposta do 2.º problema.

A. — (Apaga a interrogação e escreve 16\$000.)

P. — Antonio, escreva a do 3.º problema.

A. — (Apaga o signal e escreve 40\$000.)

P. — Felicio, escreva a do 4.º problema.

A. — (Apaga o signal e escreve 64\$000.)

P. — Continúem a acompanhar-me no quadro-negro.

- 1) Por 100\$, em 1 anno, pago 8\$000.
- 2) Por ? em 1 anno, pago 16\$000.
- 3) Por ? em 1 anno, pago 40\$000.
- 4) Por ? em 1 anno, pago 64\$000.

Diga-me, Alberto, o que está faltando aqui, na 2.ª linha?

A. — Faltam os 200\$000.

P. — Como sabe?

A. — Si 100\$000 emprestados, por 1 anno, rendem 8\$000, que quantia poderá sêr emprestada para render 16\$000?

E' o dobro: 200\$000.

(Do mesmo modo serão racionados os outros exemplos.)

P. — Vou ainda escrever:

- 1) Por 500\$, em 1 anno, pago 40\$000.
- 2) Por 500\$, em 3 annos, pago ?
- 3) Por 500\$, em 7 annos, pago ?
- 4) Por 500\$, em 10 annos, pago ?

A. — Em 3 annos, pagará 3 vezes mais. (Escreve.) 120\$.

A. — Em 7 annos, pagará 7 vezes mais. (Escreve.) 280\$.

A. — Em 10 annos, pagará 10 vezes mais. (Escreve.) 400\$.

P. — Agora, vejam o que eu vou escrever:

- 1) Por 500\$, em 1 anno, pago 40\$000.
- 2) Por 500\$, em ? pago 120\$000.
- 3) Por 500\$, em ? pago 280\$000.
- 4) Por 500\$, em ? pago 400\$000.

Como saberemos o que collocar aqui? (Mostra a columna do tempo.)

A. — O aluguel, em um anno, é de 40\$000; para os mesmos 500\$ renderem 120\$, precisam estar emprestados 3 vezes mais tempo, 3 annos.

P. — Porque?

A. — Porque 120\$ são 3 vezes 40\$.

(Egualmente será achado o tempo, nos outros problemas.)

P. — Ainda vou escrever:

- 1) Por 100\$, em 1 anno, pago 5\$000.
- 2) Por 400\$, em 1 anno, pago ?
- 3) Por 400\$, em 2 annos, pago ?
- 4) Por 800\$, em 5 annos, pago ?

Venha, Carlos, escrever a resposta ao 2.º problema.

A. — (Escrevendo.) Quatro vezes mais: 20\$000.

P. — Eduardo póde escrever a do 3.º

A. — (Escrevendo.) Quatro centos mil réis, em dois annos, darão o dobro de 1 anno: 40\$000.

P. — Venha, Benedicto, escrever a do 4.º

A. — Oitocentos mil réis, em 1 anno, dariam 40\$000; e em 5 annos, 5 vezes mais. (Escreve.) 200\$000.

P. — Agora, escrevo outros problemas mui faceis:

- 1) Por 100\$, em 1 anno pago 5\$000.
- 2) Por 400\$, em ? pago 20\$000.
- 3) Por 400\$, em ? pago 40\$000.
- 4) Por 800\$, em ? pago 200\$000.

(Os alumnos acharão, com facilidade, o tempo.)



GEOGRAPHIA

VIAGEM FLUVIAL A MATO-GROSSO

A' medida que progride a civilização, o papel dos rios, dos mares e dos canaes artificiaes vae tomando maior importancia na economia commercial.

As redes fluviaes são vias de penetração para o interior; sua utilidade é tão conhecida, que dispensa qualquer explicação.

Alumno. — (Lendo.) “A nossa breve exposição sobre o Estado de Mato-Grosso não póde nem deve terminar, sem fallarmos da “Commissão Rondon.” Não é possível nalgumas linhas dar idéa das difficuldades de toda sorte que encontrou essa “Commissão” no desempenho da sua incumbencia.”

A. — Eu não quero morrer, sem ir a Mato-Grosso.

A. — E' o meu sonho dourado!

Professor. — Nada mais facil! No tempo da “Commissão Rondon” era muito difficil, principalmente por causa da natureza do serviço que essa “Commissão” fez, mas hoje póde-se ir commodamente pela Estrada de Ferro Noroeste.

A. — Mas, eu não queria ir por estrada de ferro.

P. — Querem ir então por via fluvial?

A. — Queremos, sim.

P. — Uma vez que vocês estão interessados, vamos todos fazer uma viagem até lá. Querem?

A. — Si queremos!

P. — Então, já sabem que é preciso levar bom sortimento, especialmente si quizermos caçar.

A. — Que animaes vamos caçar?

P. — Onças pintadas, tamandúas, capivaras, pacas, veados, antas, queixadas . . .

A. — Que bom! . . .

P. — Teremos que ir primeiramente a Santos, tomar um vapor que nos leve a Montevidéo ou a Buenos-Ayres, para de lá, rio acima, chegarmos a Mato-Grosso.

A. — Então, em que vapor iremos?

P. — Vamos partir de Montevideo, no “Mercedes,” que é bem confortável. Logo aqui á sahida quasi, está Buenos-Ayres. Attenção todos ao mappa!

A. — Estamos na Argentina. Não pensei que Montevideo fosse tão perto de Buenos-Ayres!

P. — Aqui, á margem esquerda, as cidades argentinas de S. Nicoláo e Rosario; Paraná á margem direita e depois Corrientes. Estas cidades todas temos que vêr de longe. Aqui é a boca do Riachuelo.

A. — O mesmo Riachuelo, da Guerra do Paraguay?

P. — E’ este justamente o local da historica batalha naval. Este é outro sitio memoravel — Tres bocas — do celebre arsenal de Cerrito. Daqui, do meio da grande bacia, o espectáculo é grandioso: á direita, a boca do alto Paraná; á popa, o majestoso baixo Paraná, que vamos deixando, e na prôa o caudaloso e historico rio Paraguay onde vamos entrando. Estes passaros grandes e alvos, que voam aos bandos, são as famosas garças.

A. — Onde é que estamos?

P. — Nos limites da Argentina e Paraguay. Estas circumvizinhanças estão cheias de recordações historicas. Aqui é Curupaity e ali adeante é Humaytá.

A. — Como eu gosto de ouvir estes nomes!

P. — Elles lembram a indomita bravura e a heroicidade dos nossos ante-passados.

A. — Devemos estar perto de Assumpção.

P. — Aqui estamos. Vejam: é o primeiro porto da nossa escala. Livres de formalidades, vamos saltar na interessante e original cidade.

A. — Que ha para ahi se vêr?

P. — Esté é o celebre palacio de Lopez. O mercado é muito interessante.

A. — Eu quero chegar logo a Mato-Grosso.

P. — Sim, logo chegaremos, mas... sigam sempre o mappa. Aqui é a foz do rio Apa.

A. — Limite de Mato-Grosso com o Paraguay, não é?

P. — Justamente. Estamos agora em margens brasileiras. Nesta immensa extensão de pastos salitrados, entre os rios Paraná, Apa, e Paraguay, a criação de gado é importantíssima. Avalia-se em 3.000.000 o numero de cabeças existentes.

Chegamos a Porto-Murtinho. Vejam que curva pronunciada faz aqui o rio. Olhem agora para esta gravura.

A. — Oh! que belleza!

P. — Aquelle casario baixo e esparso é Ladario. Vejam o Arsenal e as officinas. Esta estação naval guarda e fiscaliza o rio Paraguay. Daqui a meia hora estaremos em Corumbá.

A. — E' até onde vae o "Mercedes," não é?

P. — Exactamente. Corumbá está edificada á margem direita do rio Paraguay, que aqui se alarga bastante, formando um vasto porto fluvial. Parte da cidade é construida á beira do rio e outra parte, numa elevação. E' uma cidade cosmopolita, e talvez mais importante que a capital. Qual é mesmo a capital de Mato-Grosso?

A. — Cuyabá. Mas, porque Corumbá é mais importante?

A. — Porque é de mais facil communicação, não é?

P. — Sim, e é uma cidade saudavel e muito commercial, situada num dos contrafortes da vizinha serra do Urucum.

A. — Que commercio tem?

P. — Tem casas commerciaes cujos capitaes chegam a milhares de contos de réis. São casas que negociam em borracha, couros, xarque, carnes em conserva e gado.

A. — Que outras cidades importantes ha aqui perto?

P. — Pelo rio Miranda podemos chegar á cidade do mesmo nome e mais adeante até Nioac.

A. — Que commercio têm estas cidades?

P. — Tanto estas, como Ponta Porã são o centro da producção do mate nesse Estado.

A. — Eu quero ir a Cuyabá.

P. — Teremos que proseguir pelo rio Paraguay, atravessando uma vasta zona pantanosa. Bandos de marrecas, irerês, frangos d'agua, tuyuyús, colhereiros, garças, socós e biguás cobrem todo o pantanal.

Si continuarmos pelo Paraguay, chegaremos a S. Luiz dos Cáceres, 3.^a cidade do Estado. Eil-a, aqui no nosso mappa. Não attingiu o desenvolvimento que poderia ter, por falta de comunicação, pois na época da secca os navios não pódem subir até ahi. E' centro de industria pastoril e de borracha, mas o seu commercio principal consiste em plantas medicinaes: salsaparrilha, quina, jaborandi, ipecacuanha etc.

Voltemos pelo rio Paraguay. Aqui bem no centro da região pantanosa, vem ter o rio Cuyabá. Sigamos por elle e chegaremos á Capital.

A. — Estamos bem no centro de Mato-Grosso.

P. — Cuyabá fica á margem esquerda do rio do mesmo nome, na chapada Diamantina.

A. — O clima aqui deve sêr excellente.

P. — Realmente o é. A cidade tem aspecto colonial, com algumas construcções modernas.

A. — E producções mineraes, Mato-Grosso não tem?

P. — A maior riqueza mineral do Estado é aurifera, e nos leitos dos rios encontram-se diamantes de superior qualidade.

Esta curta viagem que fizemos foi sufficiente para nos convencer do esplendido futuro que está reservado a Mato-Grosso.

HISTORIA DO BRASIL

OS PRESIDENTES

Si estudar os grandes homens do Brasil é conhecer a historia deste paiz, façamos um estudo completo de todos os vultos notaveis que occuparam o elevado cargo de presidente da Republica. Conhecendo os factos principaes occorridos durante o governo de cada um delles, muita coisa importante as crianças aprenderão.

Como sempre, esta aula deve sêr illustrada com gravuras.

Professor. — Amanhã, ás 10 horas, todos vocês devem comparecer aqui, e cada qual precisa trazer uma flôr, ao menos.

Alumno. — Mas, amanhã é domingo, professor!

P. — Perfeitamente, porém como este anno o dia 15 de Novembro cahiu num domingo e como não podemos deixar de festejar essa importante data de nossa historia, é necessario que todos compareçam ao grupo. Em compensação, segunda-feira não haverá aula; vocês descansarão. Agora, estão satisfeitos?

A. — Sim, senhor.

P. — Quem sabe me dizer porque amanhã haverá festa em todas as escolas, nos quartéis, nos theatros, nas ruas? ... Vocês já aprenderam isto no 3.^o anno! Fale você, Manoel.

A. — Amanhã é a festa da proclamação da Republica.

P. — Exactamente. Foi no dia 15 de novembro de 1889, que em nosso Brasil se implantou o regimen republicano. Vocês sabem que numa republica o governo do paiz tem por chefe supremo um homem notavel?

A. — Eu sei, professor.

P. — E como se chama a esse chefe? Quem souber, fale.

A. — E' o presidente da republica.

P. — Perfeitamente ... Vou hoje lhes mostrar o retrato de todos os presidentes do Brasil, desde 1889, até o actual presidente que é ... quem sabe? Diga, Joaquim.

A. — O Exmo. Sr. Dr. Arthur Bernardes.

P. — Muito bem. Olhem, todos attentos, aqui para o album de gravuras ... Proclamada a Republica, seu primeiro presidente foi o Marechal Deodoro da Fonseca. Depois d'elle veio o marechal ... leia aqui este nome, Luiz.

A. — Floriano Peixoto.

P. — Sim. A este succedeu o Dr. ... Veja quem foi, Augusto.

A. — Foi o Dr. Prudente de Moraes.

P. — Muito bem: Prudente de Moraes foi substituido pelo Dr. Campos Salles. Continúem attentos, aqui no album. Tivemos depois como presidente ... quem é este aqui, Jorge?

A. — E' o Dr. Rodrigues Alves.

P. — Sim, que foi substituido pelo Dr. Affonso Penna. Este grande estadista mineiro falleceu antes de terminar o governo, de modo que foi designado para occupar o alto cargo de presidente, o vice-presidente Dr. Nilo Peçanha, cujo retrato é

este que vocês estão vendo aqui. Em seguida, tivemos como presidente o marechal . . .

A. — Hermes da Fonseca.

P. — Depois, veio o Dr. Wenceslau Braz. Para substituí-lo foi eleito novamente o Dr. Rodrigues Alves, que não chegou a tomar posse, visto ter fallecido. Governou então o paiz o vice-presidente, Dr. Delphim Moreira. Este foi substituído pelo Dr. . . . quem quer lêr este nome aqui? Leia você, Claudio.

A. — Dr. Epitacio Pessoa.

P. — Exactamente. Foi este substituído pelo actual presidente, que, como já vimos, é o Exmo. Sr. Dr. . . .

A. — Arthur Bernardes.

P. — Vejam: aqui está o seu retrato . . . Agora, vocês já sabem os nomes de todos os presidentes que a nossa Republica tem tido, desde 1889 até hoje, não é assim?

A. — Sabemos, sim, professor. O senhor já nos mostrou os retratos de todos elles.

P. — Muito bem. Vamos então tratar de conhecer a vida de cada um delles, embora mui rapidamente. Depois de proclamada a Republica, facto que se deu no dia . . . quem sabe? Fale você, Pereira.

A. — No dia 15 de novembro de 1889.

P. — Muito bem: após a proclamação da Republica foi o seu primeiro presidente . . . quem foi mesmo, Marques?

A. — O Marechal Deodoro da Fonseca.

P. — Perfeitamente. Militar de grande valor, Deodoro da Fonseca nasceu no Estado de Alagôas, a 5 de agosto de 1827. Aqui está o seu retrato. Foi um bravo militar. Muito se salientou na guerra do Paraguay — acontecimento que havemos de estudar. Governou o Brasil, desde 1889 até 1891, renunciando então o cargo de presidente.

A. — Então, o marechal Deodoro não chegou a governar quatro annos, professor?

P. — Não: elle foi substituído pelo vice-presidente.

A. — E quem era o vice-presidente?

P. — Era o marechal Floriano Peixoto, cujo retrato vocês poderão vêr aqui nesta gravura, e do qual trataremos na pro-

xima aula. O bravo Deodoro, meus meninos, falleceu logo depois que deixou o governo, isto é, a 23 de agosto de 1892.

A. — Porque foi que o Marechal Deodoro deixou o governo antes de terminar o quadriennio, professor?

P. — Para evitar uma guerra civil que ameaçava a nossa patria. A esquadra revoltou-se contra Deodoro e querendo elle evitar effusão de sangue, preferiu demittir-se. E assim o fez, dizendo: “Acima de minha vaidade e da presidencia, colloco os interesses do meu paiz. Agora, a guerra civil póde sêr a morte da Republica ou o desmembramento da Patria. Evito-a como patriota, deixando o poder.” Eis porque o valoroso marechal Deodoro deixou o governo da Republica antes da terminação de seu mandato presidencial.

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

O JURY, SUA IMPORTANCIA, SUA ORGANIZAÇÃO E SUA NECESSIDADE — DEVERES DOS JURADOS

“Uma lição de civismo, dada a proposito dum facto actual, impressiona a criança, actúa sobre ella.”

Assim, vamos estudar o presente ponto do programma, de maneira que o alumno o compreenda claramente.

Professor. — Porque havia outro dia, tanta gente agglomerada, ali no Largo do Cambucy, Octavio?

A. — Foi um automovel que apanhou um menino.

P. — Mas, então, o pequeno não viu o auto?

A. — Viu, sim; diziam todos que o *chauffeur* trazia o carro com grande velocidade.

P. — E prenderam o *chauffeur*?

A. — Sim, senhor.

P. — E sabem vocês porque foi elle preso?

A. — Porque quasi matou o menino.

P. — Sim: elle desobedeceu ás nossas leis e por isso, mesmo que não tivesse ferido o menino, teria praticado um crime, por guiar o carro com tanta velocidade.

A. — *Crime?* Mas, que quer dizer *crime*, professor?

P. — Crime, meu pequeno, é uma infracção ao direito alheio, um attentado á organização social, á lei, á honra, á liberdade, á vida dos outros homens. Assim, o *chauffeur*, que com o seu automovel apanhou aquelle menino, ali no largo, é um criminoso porque desrespeitando uma lei, trazia o carro em grande velocidade, e devido á sua imprudencia attentou contra a vida duma criança. Entenderam?

A. — Eu entendi, professor.

A. — Eu tambem.

P. — Muito bem! Mas só pratica um crime o *chauffeur* que occasiona desastres nas vias publicas? Não haverá outras especies de criminosos? Quem souber, póde falar.

A. — O ladrão é um criminoso.

A. — O passador de notas falsas é um criminoso.

A. — O vagabundo é um criminoso.

A. — O assassino é um criminoso.

P. — Sim. São tambem egualmente criminosos os incendiarios, os que praticam actos immoraes, os feiticeiros, os falsos mendigos, os revolucionarios, e muitos outros ainda. São criminosos porque praticam crimes para os quaes o nosso Codigo Penal prescreve as penas correspondentes.

A. — Que é *Codigo Penal*, professor?

P. — E um livro onde se acham discriminados todos os delictos e as penas que devem sêr applicadas aos criminosos.

A. — Quem applica as penas, professor?

P. — E' o *Jury*, do qual falaremos na proxima aula. Por hoje é bastante. Como vocês já sabem o que é um criminoso, na proxima lição trataremos do seu julgamento, estudando o *Jury*, sua organização, sua importancia etc.

PHYSICA

CALOR: FONTES E EFEITOS

Os conhecimentos scientificos adquiridos pela observação de objectos e factos familiares á vida quotidiana, serão com facilidade gravados e retidos na mente infantil.

Alumno. — Como faz frio, hoje!

A. — Quasi que não posso escrever; estou com as mãos tão frias!

Professor. — Vocês sabem explicar o que é o frio?

A. — (?)

P. — Attenção. Todos os corpos têm calor, mas em graus differentes. O frio não é mais do que um certo grau de calor... Sabem quaes são as principaes fontes de calor?

A. — (?)

P. — O sol não será a principal?

A. — E' verdade!... Nem me lembrava!...

P. — As combustões, certas combinações chemicas etc. tambem são fontes de calor... Mas... que é o calor?

A. — Eu não sei.

P. — Levou muito tempo e estudo para se chegar a saber o que é o calor.

Calor é movimento, vibração dos atomos ou das moleculas de que os corpos são compostos. Vamos a um exemplo. Este pouquinho de agua que aqui está (seja fria ou quente) tem certa quantidade de calor; em outras palavras: suas moleculas estão vibrando a um certo compasso. Aqueça a agua, Paulo. Si calor é movimento, o que fez você ás moleculas da agua?

A. — Dei-lhes maior movimento.

P. — Justamente. Quando o calor chega a um certo ponto, é impossivel que essas moleculas conservem a cohesão: — a agua ferve.

A. — Transforma-se em vapor, não é?

P. — Justamente.

A. — E' agua no estado gazoso.

P. — Sim... Vamos agora seguir, com a propria agua, caminho differente. Vamos, em vez de aquecel-a, retirar-lhe o calor que tem — arrefecel-a.

A. — Fazer diminuir o movimento das moleculas?

P. — Isso mesmo. Perdendo movimento, as moleculas tendem a accomodar-se de modo differente, produzindo-se o que chamamos *gelo*.

Esfregue suas mãos, Alfredo.

A. — Já estão mais quentes.

P. — Foi o movimento que produziu o calor. E interessante é que o movimento produz calor, e o calor por sua vez produz movimento.

A. — Como assim?

P. — Vou dar um exemplo: o calor da agua transformada em vapor não move as locomotivas?

A. — E' verdade! Agora compreendi bem!

P. — Pena é que toda a energia não seja aproveitada em movimento, em vez de sêr tão desperdiçada em calor! Alguem que inventasse um machinismo que transformasse em movimento ou actividade toda a energia, seria uma pessoa riquissima. Sabem vocês que a machina que menos energia desperdiça é a machina humana?

A. — Então, nós somos machinas?

P. — Sim; o nosso organismo é uma machina viva. Mesmo assim, os musculos não aproveitam toda a energia que lhes é fornecida.

A. — Porque?

P. — Porque parte do calor é para o nosso corpo.

A. — E' mesmo: precisamos de calor para aquecer o corpo.

P. — Quem de vocês se lembrou de olhar, como eu pedi, para as juntas dos trilhos dos bondes?

A. — Eu reparei.

A. — Eu olhei bem.

P. — Então, fale você, Roberto.

A. — Entre os trilhos fica sempre um vão.

P. — Foi o que você notou Ricardo?

A. — Foi, sim, senhor.

A. — Porque será que não collocam os trilhos bem juntos uns dos outros?

P. — Si vocês prestarem attenção a esses mesmos trilhos, quando fizer bastante calor . . .

A. — A's duas horas, numa tarde de dezembro.

P. — . . . verão que não ha espaços entre os trilhos.

A. — Porque será?

P. — Esses espaços desaparecem porque os trilhos se expandem, augmentam com o calor.

A. — Quando as moléculas se puzerem em movimento?

P. — Justamente.

A. — São só os trilhos que augmentam com o calor?

P. — Os corpos sólidos, liquidos, e gazosos dilatam-se pelo calor, augmentam de dimensão e volume.

Reparem como os anéis nos ficam apertados nos dedos quando faz muito calor.

A. — O meu esta largo hoje.

A. — E' porque faz frio.

P. — Algum de vocês já viu fazer uma róda de carro ou de carroça?

A. — Eu já. Quando é para collocar o aro de ferro, aquecem-n-o.

P. — Porque será?

A. — Não sei, não senhor.

P. — Faz-se isto para que o aro aperte bem a madeira. Aquecido, o aro se dilata, augmenta de tamanho e é collocado com facilidade. Depois de frio encolhe-se, ajusta-se e aperta as peças da madeira.

Quando uma panella ferve, o liquido transborda. Já notaram?

A. — Já, professor. Porque será?

P. — Porque o calor fez com que o liquido augmentasse de volume. Vou-lhes indicar uma experiencia que pódem fazer em casa, para provar que os gazes tambem se dilatam. Tomem um balão de papel e encham-n-o de ar. Colloquem-n-o a uma certa distancia dum fogo e verão, á medida que o ar dentro do balão se aquecer, o balão augmentar de tamanho.

A. — E até arrebentar, si estiver muito cheio de ar.

P. — Justamente. Essa propriedade dos corpos — a dilatação, tem muitas e variadas applicações uteis ás artes e ás industrias.

HYGIENE

A PELLE E O ASSEIO

A escola póde transformar habitos. Trátemos, pois, de demonstrar aos alumnos a grande importancia do asseio quer na vida individual, quer na vida collectiva.

Alumno. — Como estou suando!

Professor. — E' porque você fez exercicio.

A. — Correr faz a gente suar, não é mesmo?

P. — Sim... Um exercicio violento, uma bebida muito quente ou alcoolica, emoções, como sejam o medo ou a dôr, têm grande influencia sobre a transpiração.

A. — E' interessante como o suór sáe da pelle, aos pingos.

P. — Sáe pelos póros e é fabricado por dois milhões de glandulas sudoriparas irregularmente espalhadas por toda a extensão do corpo.

A. — Para que serve o suór?

P. — O suór embebendo-se na epiderme dá á pelle uma certa flexibilidade e humidade caracteristicas.

A. — E o que é *epiderme*?

P. — Tem razão. Eu devia ter começado a explicação pela *pelle*.

Quando examinamos a pelle, vemos que ella se compõe de duas camadas bem distinctas: a camada interna, chamada *derme* ou *derma*; é a pelle verdadeira.

A. — Porque?

P. — Porque ella é viva. A camada exterior é chamada *epiderme*; não tem sensação.

A. — O senhor estava explicando o que o suór faz, e eu o interrompi.

P. — O suór tem um duplo papel no organismo: 1.º — elle o desembaraça de certas substancias toxicas; 2.º — evaporando-se na superficie do corpo, refresca-o regularizando sua temperatura.

Muitos imaginam que a pelle não seja parte importante do nosso corpo. Estão enganados. E' parte muito importante. Mesmo si compararmol-a á borracha, ao papel ou á fazenda, chegaremos á conclusão de que é mais admiravel que qualquer destas e que nada que o homem conseguiu fabricar até hoje, póde sêr comparado á pelle. Além de substancia viva cobrindo todo o nosso corpo, a pelle é um dos meios pelos quaes nos communicamos com o mundo exterior.

A primeira qualidade que notamos na pelle é a sua elasticidade.

A. — Si a pelle não fósse elastica, não poderíamos mover o corpo?

P. — Isso não, mas não teríamos facilidade nos movimentos.

Mas . . . continuemos. Por mais elastico que seja um corpo, a elasticidade tem limites; é por isso que a pelle se enruga, na velhice. E' um dos signaes da velhice quando a pelle perde a sua elasticidade.

A. — A pelle tem outra qualidade?

P. — E' impermeavel, isto é, não deixa passar a agua.

A. — E como é que deixa o suór sair?

P. — Devido á sua estrutura especial, permite a sahida do suór, mas agua ou qualquer outra substancia não póde nella penetrar, nem mesmo pelos póros, pelos quaes o suór sáe. E' importante esta sua propriedade, como tambem o é o papel que desempenha protegendo todos os tecidos, do pó e outras impurezas.

Ella protege o resto do nosso organismo das impurezas exteriores, e por isso temos obrigação de trazel-a bem limpa, de protegel-a com carinho.

A. — E' muito feio a gente andar suja!...

P. — Sim, muito feio. Além disso, é preciso trazer a pelle bem limpa para se gozar saúde. O suor é composto de 99 por cento de agua e 1 por cento de outras substancias. Os 99 por cento de agua se evaporam na superficie da pelle, mas o restante fica sobre ella e transforma-se em alguma coisa desagradavel. Si a pelle estiver suja, os póros estarão tapados, não funcionarão como devem; o suor ficará no sangue e haverá envenenamento.

A. — Que vergonha! Envenenamento por falta de asseio!

ZOOLOGIA

ANIMAES UTEIS

Para que esta aula não se torne longa e fastidiosa, o professor deixará aos alumnos o encargo de enumerar os animaes uteis que conheçam, ensinando-lhes sómente os que lhes são desconhecidos. O uso da gravura é imprescindivel.

O professor, auxiliado pelos alumnos, poderá organizar uma collecção de objectos feitos de productos animaes, taes como: botões, pentes, barbatanas, tecidos de lã, sêda etc., o que muito auxiliará a comprehensão da presente lição.

Professor. — (Deante dum mappa zoologico.) Vamos falar, hoje, dos animaes. Todos já sabem o que é um animal. Quem é capaz de dar-me o nome de um?

Alumnos. — Eu, eu, eu.

P. — Muito bem! A classe toda, já sei, conhece um animal. Vamos falar hoje dos animaes, porém só daquelles que nos fornecem alimentos, productos para o commercio, industria etc. Vejamos, pois, para que servem os animaes. Quem sabe?

A. — Alguns, como os passarinhos, servem para matar os insectos que fazem mal ás plantações e aos outros animaes.

A. — Outros dão pelles para tapetes, boás, *manteaux* etc.

A. — Ha animaes cujo couro serve para o fabrico de calçados, arreios, correias etc.

A. — Outros servem para a nossa alimentação.

A. — Póde-se fazer botões, pentes, cabos de facas etc. dos ossos e chifres.

P. — Não sabem mais nada? Os animaes têm ainda muitas outras applicações uteis. Servem ainda para transportes; produzem adubos; dão pellos para o fabrico de chapéos; dão-nos azeite, barbatanas, espermacete, perolas, sêda, lã, perfumes, marfim, coral, esponja, productos medicinaes etc. Vejam esta gravura: ella representa os animaes que se alimentam de insectos.

A. — São insectivoros, não, professor?

P. — Exactamente. Vejamos os nomes delles, João. Leia.

A. — O *orelhudo*, o *vespertilio*, o *vampiro*.

P. — São especies diferentes de morcegos, que destróem os insectos nocivos. O *vampiro* suga tambem o sangue dos animaes, de modo que não deixa de sêr nocivo. Adeante: veja estes outros animaes, Luiz.

A. — O *tatú*, o *tamanduá*, a *toupeira*, o *sapo*, a *andorinha*.

P. — Ha muitos meninos que gostam de matar os pobres sapos, que nos são tão uteis. Elles comem os bichinhos que estragam as plantações... Continúe, João.

A. — O *gavião* e o *anú*.

P. — São destruidores dos carrapatos, que maltratam os bois, cavallos etc. . . Sente-se, João. Vamos falar sobre este outro quadro, Lauro.

A. — Eu vejo aqui o *leão*, a *onça*, o *tigre*, a *panthera*.

P. — Esses são animaes carnivoros, muito ferozes, mas nos dão boas pelles das quaes fazemos ricos tapetes... Que mais você vê nesse quadro?

A. — O *lobo*, a *raposa*, o *arminho*...

P. — Esses nos fornecem a pelle para o fabrico de boás, *manteaux*, etc. O arminho, vive ao norte da Europa e da America; no verão seu pello é amarello e no inverno torna-se branco,

muito brilhante. Aqui está outro animal interessante: é o *castor*, que constrói sua habitação á beira dos lagos e rios, e que tem um pello fino e cerrado proprio para a fabricação de chapéos. O castor produz uma substancia amarello-escura, resinosa, parecida com a cêra, chamada *castoreo*, que se emprega na medicina.

Vejamos este outro quadro, José. Sente-se, Lauro. Que animaes são estes?

A. — O *boi*, o *carneiro*, o *cabrito*, a *vacca*, o *cavallo*...

P. — Para que servirão esses animaes?

A. — A carne de todos elles nos serve de alimento.

P. — Tambem a do cavallo?

A. — (?)

P. — Ha paizes que fazem uso della ... Do couro do boi carneiro, cabrito e da vacca fazemos arreios, correias, calçados etc. Dos ossos e chifres fabricamos botões, pentes, cabos de facas e canivetes etc. Do leite da vacca nós nos alimentamos e fazemos o queijo e a manteiga.

A. — E, quando vivos, tambem são muito uteis, não, professor?

P. — Muito. O boi e o cavallo servem para puxar carros, arados etc. Do carneiro extrahimos a lã, que se emprega no fabrico dos tecidos para o inverno.

A. — E sómente esses animaes são os que nos dão material para tecidos?

P. — Não; ha uma lagarta chamada *bicho da sêda*, que fabrica os fios de sêda. Aqui está ella. Vejam.

A. — Que bicho feio!...

P. — Muito bem. Vejamos agora quaes são os outros animaes que nos servem de alimento?

A. — A *gallinha*, o *gato*, o *ganso*, o *perú*, o *marreco*, a *perdiz*, o *jacú*, o *veado*, a *paca*, a *cotia*, a *capivara*, o *porcô*, os *peixes*, o *camarão*, o *carangueijo*, a *lagosta*, a *ostra*...

P. — E' bastante. As ostras produzem as perolas, que são raras e de grande valor. Ha outros animaes, que nos fornecem oleos. Sabe o nome dalguns?

A. — A *baleia*.

P. — Sim. Della tiramos grande quantidade de azeite ... Quem conhece algum animal que nos fornece o marfim?

A. — O *elephante*.

P. — Muito bem. Vamos olhar de novo todos os animaes de que falámos. Você, Pedro, venha mostrar-me as aves que dão productos para enfeites.

A. — O *pavão*, o *avestruz*, o *beija-flôr*, a *ave do paraizo* ...

P. — Sim. E as que servem para cantar?

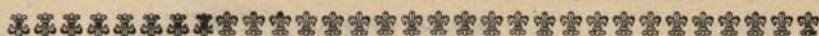
A. — O *canario*, o *melro*, o *sabiá*, o *pintasilgo* ...

P. — Muito bem. Ha ainda muitos outros animaes que nos são uteis. Vejamos. Aqui estão as *cobras venenosas*: a *cascavel*, o *urutú*, o *jararacussú* etc., que nos fornecem o veneno para o fabrico do sôro anti-ophidico, que é preparado no Butantan, pelo grande scientista Dr. Vital Brasil. E' o unico remedio que nos livra da morte certa quando mordidos pelas cobras venenosas.

Cá estão as *abelhas*, que nos dão o mel e a cêra.

Aqui estão ainda dois animaes muito uteis: o *coral* e a *esponja*. Ambos crescem no fundo dos mares, presos ás rochas marinhas. Do coral fazemos lindas e ricas joias. As esponjas são usadas em nossas casas. Poderia ainda, falar-lhes sobre muitos outros animaes, que nos são muito uteis, taes como o *corvo*, que as crianças más apedrejam, mas que limpa os nossos campos; o *gato*, que dá caça aos ratos; o *cão*, esse dedicado amigo do homem, que vigia as nossas casas, que empregamos nas caçadas etc., etc. O tempo, porém, é pouco. Na proxima aula, veremos quem prestou attenção ás explicações.





PEDOLOGIA

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

(*Continuação*)

2 — A LINGUAGEM

A linguagem articulada, que é talvez a mais importante aquisição do homem, é precedida na criança pela linguagem mimica e por gritos que representam uma modificação lenta e complicada da linguagem.

A criança põe em jogo a linguagem mimica simultaneamente com os gritos que a precederam. E' por meio dessa linguagem que ella manifesta suas primeiras alegrias, seus primeiros prazeres, seus primeiros desejos. Os braços, as pernas concorrem para essa mimica que tão bem exprime as differentes sensações experimentadas pelo recém-nascido. Sua agitação alegre e seus movimentos desordenados acompanham o riso e as lagrimas que são o seu indispensavel complemento, e o movimento dos braços extendidos para o objecto desejado é a manifestação dos seus primeiros esforços. A principio, quando a criança ainda não sabe coordenar sufficientemente seus movimentos para applical-os de conformidade com as suas diversas emoções, os olhos são sobretudo a séde da mimica necessaria, e é sabido que, na criancinha, os olhos bem abertos exprimem a alegria e o bem-estar, emquanto que a contracção dos supercillios nellas accusa o medo, a ansiedade, as desillusões ou a colera.

Reflexos automaticos, espontaneos, conscientes, taes são os graus qualitativos que Perez reconhece nos gritos da criança. Reportando-nos ao que acima dissemos, veremos que é exactamente a progressão das qualidades que attribuimos aos movimentos. Não voltaremos a tratar dos gritos reflexos ou automaticos; já

temos falado sufficientemente destas manifestações e sua analogia com os movimentos.

Os gritos espontaneos só têm uma semelhança: não se applicam a nenhum sentimento bem definido. Não representam uma linguagem, mas constituem o que chamamos o balbuciar da criança. Pelo que se observa da calma e contentamento da criança, pôde-se inferir que esses sons emittidos são a expressão de sensações agradaveis; entretanto, pôde-se igualmente perguntar si não serão os mesmos gritos a causa desse bem-estar, pois parece que a criança se diverte e tem prazer em emittil-os. Seja como fôr, o certo é que a criança não tarda a differenciar nesse conjunto uma série de gritos que ella repete de boa vontade e que lhe parecem mais particularmente agradaveis. Esta escolha é além disso muito differente para cada criança, mas commum a todas. Desde que a criança encontre um brinquedo sonoro que lhe cause um prazer maior que os precedentes, ella abandona os outros, até que um novo som se torne por sua vez o preferido. Eis ahi o que distingue os gritos espontaneos e escolhidos dos primeiros gritos inconscientes; ahi começa, não ha duvida, um esboço de linguagem pessoal, porque a criança chega rapidamente a applicar os sons que lhe são agradaveis ás sensações que mais a impressionam.

Este esboço de linguagem não resistirá durante os periodos seguintes ou pelo menos se modificará pela aquisição de novos sons que chegarão pouco a pouco á linguagem verdadeira, que é sobretudo uma imitação.

Que a imitação representa o principal papel nesta educação da linguagem, ninguem pôde duvidar. Para próva ahi estão numerosas experiencias e numerosos factos de observações quotidianas.

Experiencias completas no homem não têm sido tentadas, que o saibamos, porém é conhecido o seu resultado em animaes e notadamente nos passaros. Estes, conservados em gaiolas, longe de qualquer passaro da sua especie, não adquirem o canto que é peculiar a essa especie. Elles têm um canto particular, muito menos rico, pois não conhecem a successão de sons que distingue o canto dos passaros seus congeneres. Pôde-se

ainda tirar um argumento do mesmo genero do facto das crianças sequestradas desde os seus primeiros annos não possuirem uma linguagem desenvolvida; assim tambem os adultos nas mesmas condições de isolamento parecem esquecer pouco a pouco o que conheciam da linguagem corrente. (Continúa.)

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

CAPITULO IV

O TYPO VISUAL

(Continuação)

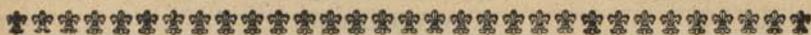
Entre as pessoas do typo de que tratamos, a intelligencia, propriamente dita, é alimentada pelas mesmas imagens. “As crianças habituadas ao calculo mental escrevem mentalmente com o giz, num quadro imaginario, com os numeros indicados, com todas as operações parciaes, com a somma final, como si estivessem vendo interiormente as diversas linhas de caracteres brancos que acabam de traçar. O jovem Colburn, que nunca frequentou a escola e não sabia lêr nem escrever, dizia que para fazer seus calculos elle *os via claramente deante delle*. Um outro declarava que *via os numeros sobre os quaes operava como si estivessem escritos numa ardosia*. E igualmente, encontram-se jogadores de xadrez que com os olhos fechados e a face voltada para uma parede, dirigem uma partida . . . E’ claro que a cada jogo a figura do taboleiro com a ordem das diversas peças lhes está presente como num espelho interior, sem o que elles não poderiam prevêr o jogo que vão dirigir. Dois amigos que tinham esta faculdade faziam muitas vezes juntos partidas mentaes de xadrez, passeando pelas ruas. Um inglez, Paul Morphy, jogava mesmo oito partidas ao mesmo tempo; um outro, Paulsens, jogava até vinte partidas. Galton conta que uma pessoa do seu conhecimento serve-se habitualmente para contar, duma regra de calculo imaginario por meio da qual lê mentalmente a parte que lhe é necessaria para cada operação.

Resulta do que precede que, na *linguagem interior* dessas pessoas, são as imagens visuaes das palavras (*escritura interior*)

que predominam, relegando a um plano inferior as representações auditivas e motoras. “Algumas pessoas, diz Galton, vêem mentalmente como impressa cada palavra que pronunciam. E, falando, ellas *lêm as palavras como si estivessem impressas*, numa dessas tiras de papel empregadas na transmissão de despachos telegraphicos.”

“Todas as minhas representações de palavras são sobretudo visuaes, escreve M. Montchal, bibliothecario da sociedade de leitura de Genebra, numa carta citada por M. Paulhan. Para reter uma palavra que ouço pela primeira vez, preciso dar-lhe immediatamente uma orthographia; do mesmo modo, quando eu ouço uma conversação que me interessa, me succede muitas vezes ter a representação escrita dessa conversação. Um de meus amigos me affirma que para reter um nome novo, um nome proprio, por exemplo, nada lhe vale ouvir apenas pronuncial-o; é indispensavel vê-lo escrito. No lyceu, embora prestasse muita attenção a uma aula de litteratura ou de historia, nenhum proveito tirava; meia hora de estudo num livro ou num caderno lhe era de muito maior vantagem. “Conheci, diz Abercrombie, um distincto actor que, chamado para substituir um dos seus collegas, devia aprender em poucas horas um papel longo e difficil. Elle o aprendeu depressa e o representou com perfeita exactidão. Mas, immediatamente depois da representação elle o esquecia, a tal ponto que devendo represental-o muitos dias seguidos, era obrigado cada vez a preparal-o de novo. Interrogado sobre o processo mental que seguiu, quando representou seu papel pela primeira vez, respondeu que tinha completamente perdido de vista o publico; que *lhe parecia não ter deante dos olhos sinão as paginas do seu livro*, e que si esta illusão fôsse interrompida, elle tambem teria instantaneamente esquecido o seu papel.” Assim tambem, “muitos oradores têm seu manuscrito deante dos olhos quando falam em publico. Um estadista affirmava que suas hesitações na tribuna provinham de estar elle dominado pela imagem do seu manuscrito cheio de rasuras e correccões.”

(Continúa.)



LIÇÕES DE COISAS

OS OLEOS

Professor. — Qual de vocês já esteve numa fazenda?

Alumno. — Eu passei oito dias na fazenda de meu tio.

P. — Então, diga-me uma coisa: que especie de illumination usavam lá?

A. — Na fazenda a illumination era a kerozene, mas todos os dias o renovavam.

P. — Porque?

A. — Porque desaparecia.

P. — Desaparecia propriamente, não: gastava-se, queimava-se e finalmente combinava-se com o ar.

A. — E donde vem o kerozene, professor?

P. — O kerozene é um oleo mineral... Quem conhece algum oleo que não seja mineral?

A. — (?)

P. — Os tres reinos da natureza nos fornecem oleos. Não sabem dalgum oleo que provenha dum animal?

A. — (?)

P. — Então, nenhum de vocês ouviu falar no oleo de fígado de bacalhau, que é um bom remedio?

A. — Ah!... Esse é muito meu conhecido. Já tomei muito delle.

P. — Dêem-me outros oleos tirados de animaes.

A. — Oleo de peixe.

A. — Oleo de baleia.

P. — Muito bem. E que oleos vegetaes conhecem?

A. — Azeite doce ou oleo de oliveira.

A. — Esse é extrahido da azeitona?

P. — Sim, e é usado para o que?

A. — Para saladas.

A. — Muita gente cozinha com azeite.

P. — Vejamos outros oleos vegetaes.

A. — Oleo de linhaça.

P. — Onde é elle tirado?

A. — Do linho.

P. — Sim: das sementes do linho. E para que serve o oleo de linhaça?

A. — Para cataplasmas.

A. — Para misturar com tintas e vernizes.

P. — Falta um oleo vegetal, que vocês ás vezes precisam tomar e de que não gostam nem um pouquinho. Qual será?

A. — Ah! Eu sei: é o oleo de ricino.

P. — Esse é extrahido da mamona, que é a semente duma planta muito commum entre nós, o mamoeiro.

Ainda ha muitos oleos vegetaes e animaes utilizados pela medicina e pela industria. Conhecem?

A. — O oleo de amendoas, o oleo de cravo etc.

P. — Esses todos são oleos *fixos*. Os oleos *volateis* desaparecem com facilidade.

A. — Os oleos são gordura, não são?

P. — Os oleos fixos são gordura liquida; e a gordura, propriamente, é um oleo que se solidificou.

Ha centenas de gorduras e oleos, e cada qual tem o seu ponto certo de consistencia acima do qual são *oleos* — liquidos, e abaixo do qual são *gorduras* — sólidos.

AS AGULHAS

Professora. — Quando estudámos o ferro, ou melhor, o aço, dissemos que delle se faziam muitos objectos uteis. Hoje vamos examinar talvez o menor objecto fabricado de aço, mas nem por isso o menos importante.

Alumna. — Qual é esse objecto, professora?

P. — E' um objecto sem o qual difficilmente poderiamos passar, especialmente nós as mulheres e as meninas.

A. — Eu já sei! Vamos falar dos alfinetes?

P. — Os alfinetes são feitos dum fio de latão, que é uma liga de cobre e zinco; não são de aço.

A. — Então, são as agulhas...

P. — Sim; as agulhas são feitas de fio de aço... Que fôrma têm ellas?

A. — São cylindricas.

A. — Eu acho que são conicas, pois terminam em ponta, um apice.

P. — Que partes notamos numa agulha? Alguma de vocês pôde responder?

A. — (?)

P. — Tres partes, que vocês podem vêr nas agulhas que lhes dei: o *corpo*, a *cabeça* da agulha onde se acha o *olho*, e a *ponta*.

A. — E' verdade!...

P. — (Dando uma agulha e um pedaço de panno a uma alumna.) Enfie esta agulha na fazenda, Annita... Passou bem?

A. — Passou facilmente.

P. — (Dando uma agulha sem ponta.) Experimente esta.

A. — Esta não passa bem.

A. — Já vê você porque é que as agulhas são feitas com pontas.

A. — Para facilitar a introduccão na fazenda.

P. — (Dando a uma alumna uma agulha enferrujada.) Esta agulha passa bem na fazenda?

A. — Não, senhora.

P. — Porque não? Tem ponta!...

A. — Tem ponta, mas está enferrujada.

P. — O corpo da agulha precisa sêr cylindrico, liso e direito para desempenhar bem o papel para o qual as agulhas são feitas... E o *olho* da agulha para que serve?

A. — E' por elle que se enfia a linha.

P. — (Mostrando.) Aqui, de cada lado do olho ha um sulcozinho que auxilia a enfiar a agulha, guiando a linha... Já observaram a cabeça duma agulha?

A. — E' pontuda.

A. — E' por isso que usamos dedaes para empurrar as agulhas.

A. — Mas, si empurrarmos muito, quebraremos a agulha.

P. — Sim, as agulhas quebram-se com facilidade.

A. — Não vergam como os alfinetes.

P. — Que especies de agulhas conhecem vocês?

A. — Agulhas para coser.

A. — Agulhas para machinas.

A. — Agulhas grossas para costurar saccoes.

A. — Os selleiros usam agulhas para costurar o couro.

P. — Ha agulhas especiaes para os cégos e pessoas que enxergam pouco.

A. — Ha agulhas de varias grossuras.

P. — Sim: são numeradas conforme a grossura.

A. — Tambem ha agulhas curtas e compridas.

A. — Os alfaiates usam agulhas curtas.

P. — E sabem porque?

A. — (?)

P. — Porque as compridas quebrar-se-iam com facilidade nas fazendas grossas.

A. — E como é que se fabricam as agulhas?

P. — Para o fabrico das agulhas, em primeiro logar o fio de aço é reduzido á grossura que a agulha vae ter e cortado em pedaços duas vezes maiores que o comprimento da agulha.

A. — Porque?

P. — Porque as agulhas são fabricadas aos pares. Cada metade do fio de aço representa uma agulha. Depois, são afiadas.

A. — Nas duas pontas?

P. — Sim, e em seguida as machinas fazem os *olhos*. Depois são temperadas, limpas e polidas. Antes de serem empacotadas, precisam estar bem limpas e seccas. Porque será?

A. — Para não se enferrujarem.

P. — Muito bem. São em seguida lavadas com sabão, oleo e esmeril e depois seccas em serragem.

A. — Que trabalho! . . .

P. — Vejam quanto trabalho para se conseguir uma coisa tão pequena e tão barata como uma agulha!

O PIRARUCÚ

Professor. — Arthur, porque você olha tanto para aquelle quadro?

Alumno. — Estou vendo aquelles peixes, ali pintados, e lembrando-me dum enorme peixe que vi hoje num armazem.

P. — Era fresco ou secco?

A. — Era secco e bem secco. Parecia, um grande bacalhau, mas muito maior. Indaguei o nome do peixe, mas agora não ha meio de me lembrar desse nome! . . .

P. — Não será *pirarucú*?

A. — Justamente: *pirarucú*.

P. — Pois não esqueça mais tal nome, porque o *pirarucú* é um peixe muito bom; é o bacalhau brasileiro.

A. — No Tietê póde-se pescar o *pirarucú*?

P. — O *pirarucú* habita o rio Amazonas e seus afluentes, notadamente no chamado Baixo Amazonas, onde é pescado em larga escala; é muito abundante nas vizinhanças de Belém. E' o rei dos nossos peixes dagua doce. (Mostrando a estampa dum *pirarucú*.) Vejam que bello peixe!

A. — Como é grande!

P. — Ha *pirarucús* que chegam a medir mais de dois metros de comprimento.

A. — Devem pesar bastante!

P. — De cincoenta a setenta e cinco kilos.

A. — E como é que pescam esses peixes tão grandes?

A. — Com rêde, não é?

P. — Com flexas, ou então são físgados com arpões.

A. — E' peixe para um batalhão, não para uma familia! . . .

P. — Diz bem: os *pirarucús* dão muita carne. São pescados e logo salgados.

A. — Para poderem sêr conservados, não é?

P. — Sim; como são exportados, precisam sêr primeiramente salgados. São pescados em grande escala e constituem objecto de enorme commercio no norte do Brasil.

A. — A gente do norte póde comer bastante *pirarucú*.

P. — E' a base da alimentação da maioria da população amazonica.

A. — E' gostosa a carne do pirarucú?

P. — E' uma carne rosea, de sabor delicado.

A. — Então, é melhor que o bacalhau?

P. — Rivaliza perfeitamente com o bacalhau, cuja importação de milhares de kilos bem poderíamos dispensar.

OS PHOSPHOROS

Professor. — Para que traz você esses palitos de phosphoros no bolso, Pedro?

Alumno. — A's vezes eu faço minhas contas com elles.

P. — Esses palitos, que também chamamos vulgarmente *phosphoros*, são objectos muito uteis e interessantes, mas não para calcular. Sua utilidade é outra. Para que servem?

A. — Para accender fogo, velas, cigarros etc.

P. — Quantas especies de phosphoros conhece você?

A. — Phosphoros de madeira e de cêra.

P. — E de quantas partes consta um phosphoro de madeira?

A. — Duas partes: a cabeça e a parte de madeira — a haste.

P. — E quem sabe qual é a especie de madeira mais empregada nos phosphoros?

A. — (?)

P. — A madeira mais usada é o pinho.

A. — As caixas de phosphoros não são também de pinho?

P. — Sim: são feitas de laminas de pinho... Agora, vejamos os phosphoros de cêra. Quem sabe me dizer alguma coisa a respeito delles?

A. — (?)

P. — Nos phosphoros de cêra as hastes são fios cobertos de parafina.

A. — E a cabeça dos phosphoros de que é feita?

P. — Essa é a parte principal; é o *phosphoro*, propriamente dito, a parte que se inflamma. Cada fabricante de phosphoros usa uma mistura um pouco differente no fabrico do seu producto. Mas, todos elles empregam o enxofre, a colla e outras substancias combinadas com o corpo simples chamado *phosphoro*. Essa mistura fórma as cabeças dos phosphoros e é empregada tambem nas caixas que os encerram. Sabem o que precisamos fazer para conseguir que os phosphoros produzam fogo?

A. — Esfregal-os nas caixas.

P. — Justamente. E' preciso que haja fricção. Alguns phosphoros se inflammam por fricção nas respectivas caixas; outros, para inflamar basta que sejam esfregados contra qualquer superficie aspera. Esfregue, Arthur, a ponta do seu dedo no seu paletó, que é aspero. Que aconteceu?

A. — Ficou quente.

P. — O segredo todo da fabricação de phosphoros consiste em que as cabeças sejam feitas de substancias ás quaes nada succeda emquanto estiverem frias, mas que, uma vez aquecidas, se incendeiem, isto é, se combinem com o oxygenio do ar.

A. — Os phosphoros devem accender-se quando esfregados ou friccionados, não é exacto?

P. — Justamente. Ha um seculo mais ou menos que os phosphoros são usados. Para se conseguir fogo nos primitivos phosphoros, era preciso friccional-os na lixa.

A CABRA

Professor. — Quem será capaz de me dizer qual é o animal mais parecido com o carneiro?

Alumno. — A cabra, o bóde...

P. — São mesmo parecidos com o carneiro. E em que são elles bem differentes?

A. — Nos chifres.

P. — Sim, os chifres dos carneiros são mais ou menos retorcidos em espiral, enquanto que os das cabras se dirigem primeiro verticalmente, depois para traz e um pouco voltados para fóra.

A. — O bóde têm ainda uma *barbinha*, que o carneiro não tem.

A. — E tem um cheirinho bem desagradavel!

P. — Que me diz Antonio, sobre outras differenças entre esses animaes?

A. — A cãbra parece ter pernas mais compridas que as do carneiro.

P. — E você, Pedro?

A. — O pello dos dois é bem differente: os carneiros têm o pello crespo e as cabras, quasi todas, o têm liso e comprido.

P. — Mas, por baixo desse pello comprido, ha muitas vezes, um pello mais curto... Qual é o mais valente? O bóde ou o carneiro?

A. — Ah!... é o bóde. Elle gosta de brigar. Os seus chifres são a sua arma.

A. — E' engraçado vê-os levantarem-se nas pernas trazeiras e cairem sobre o inimigo.

P. — As cabras são animaes muito activos. São encontradas, ás vezes, em estado selvagem, nas regiões montanhosas. Dão-se bem tanto nos logares quentes, como nos frios. Pódem viver sobre as rochas onde a vegetação é tão escassa ou difficil, que qualquer outro animal ali morreria de fome.

A. — De que se alimentam?

P. — São animaes essencialmente herbivoros. Alimentam-se de hervas, folhas, cascas de arvores etc.

A. — E' mesmo! E é preciso muito cuidado onde ha cabras, do contrario não escapa planta alguma.

P. — Mas, qual é o seu valor ao homem?

A. — Comemos a sua carne. A carne de cabrito é bem boa!

A. — Bebemos o leite de cabra.

P. — Sim: esse leite é muito aconselhado para as pessoas fracas e para os tuberculosos. Do leite de cabra se faz queijo e

manteiga. Alguns paizes preferem cabras a vaccas. E as suas pelles não são aproveitadas? Poderão me dizer?

A. — Dellas se fazem sapatos, luvas, bolsas, cintos, capas de livros, pastas etc.

P. — Justamente. Ha uma especie de cabras, de Marrocos, que dão um couro especial. Ainda se aproveita o pello para o fabrico de cordas e cabelleiras. O pello curto dalgumas especies de cabras é cardado e fiado, dando boa fazenda e excellentes chales . . . E os chifres?

A. — São tambem aproveitados?

P. — Sim; delles se fazem cabos de facas, botões etc. O sebo das cabras entra na fabricação de velas. Nalguns paizes, como na Hollanda, por exemplo, o bóde é usado para puxar carrocinhas.

A. — Mas, todas as cabras não são eguaes?

P. — Ha varias raças: umas que se criam por causa do leite; outras, como sejam a Angorá e a Cachemira, por causa da lã.

O TEMPO

(RECAPITULAÇÃO)

Professor. — Jayme, feche e abra os olhos. Você, Lucio, venha até a minha mesa e volte ao seu logar. Ruy, tome o giz e escreva no quadro negro: *O tempo.*

Agora, pergunto a todos: Quando começamos esta lição?

Alumno: — A's 2 horas.

A. — A's 14 horas.

P. — E' o mesmo, não? E quanto tempo já passou?

A. — 10 minutos.

P. — Jayme, sózinho, consumiu os dez minutos?

A. — Para abrir e fechar os olhos, eu penso que não gasto nem um segundo.

P. — O segundo é um tempo comprido, não?

A. — (?)

P. — E' curto, muito curto.

A. — Mal a gente pronuncia uma palavra comprida, já se acabou um segundo!...

P. — Então, para o Lucio vir até aqui e voltar ao seu lugar, leva mais de um segundo?

A. — Com certeza, leva, sim. Só si elle corresse, quem sabe? o faria num segundo. O senhor quer vêr?

P. — Não é preciso experimentar. Basta que você me diga si levaria 60 segundos.

A. — Oh! seria um bicho-preguiça!

P. — Porque?

A. — Pois eu gastaria um minuto inteiro e isso não é possível: eu sou esperto.

P. — Não duvido. Quem marca os minutos nesse relógio?

A. — E' aquelle ponteiro amarello, um pouco mais comprido do que o outro.

P. — Elle dará a volta toda durante a nossa lição?

A. — Não, senhor, porque a nossa lição não dura uma hora.

P. — Como, assim?

A. — Si elle, o ponteiro, fizesse a volta inteira, marcaria 60 minutos, isto é, uma hora.

P. — E nossa lição não é de uma hora?

A. — Não, senhor. Esta lição, de que tanto gostamos, dura apenas meia hora.

P. — Vejamos então: 1 hora tem quantos minutos?

A. — 60 minutos.

P. — O minuto, quantos segundos?

A. — 60 segundos.

P. — E um dia quantas horas terá?

P. — Contando-se a noite também, um dia tem 24 horas.

A. — Ha nomes especiaes para os dias?

A. — Ha, sim, senhor.

P. — Quaes são?

A. — Domingo, Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta e Sabbado.

P. — Que nome se dá ao conjunto destes dias?

A. — Uma semana.

P. — Sabem quantas semanas tem um mez?

A. — (?)

P. — O mez tem 4 semanas e sobram sempre alguns dias. E um anno, sabem quantas semanas tem?

A. — (?)

P. — Um anno tem 52 semanas . . . Quantos dias tem cada mez? Já repararam nas folhinhas?

A. — Alguns têm 30, outros 31 dias.

P. — E o que me dizem do mez de fevereiro?

A. — Fevereiro tem só 28 dias, e lá de vez em quando tem 29 . . . Sabe, professor, eu nasci no dia 29 de fevereiro e passo dois, tres annos sem ganhar presente.

P. — Não faz mal! Nem por isso você deixa de crescer e de fazer annos. Sabe me dizer quaes são os mezes que têm só 30 dias?

A. — Não, senhor.

P. — Vou dizer. São só quatro: abril, junho, setembro e novembro. Os outros, excepto fevereiro, têm 31 dias. Sabem quantos mezes tem o anno?

A. — 12 mezes: janeiro, fevereiro . . .

P. — Basta; eu sei que vocês já sabem os nomes dos mezes do anno . . . E a cinco annos juntos sabem que nome se dá?

A. — (?)

P. — Um *lustro*. E cem annos que nome têm?

A. — (?)

P. — Um *seculo*. Quem pretende viver um seculo?

A. — Viver 100 annos!

A. — Ninguem mais vive até essa idade! . . .

A. — Eu conheci um velhinho que dizia ter 105 annos; mas, coitado! vivia tremendo de frio, já não tinha dentes, era surdo e pouco enxergava.

A. — Coitado!

P. — Vocês sabem que devemos respeito a todos os velhos?

A. — Sabemos, sim, senhor.

P. — O ponteiro dos minutos já está dizendo que a nossa lição se acabou. Pódem preparar os cadernos para a escrita.



A IMPRENSA

Professor. — Em que dia estamos hoje?

Alumno. — A 10 de fevereiro de 1926.

P. — Pois si estivessemos em 1425, isto é, a cinco seculos atraz, não teriamos essa quantidade de livros, que hoje encontramos com tanta facilidade.

A. — Então, nesse tempo, não havia escolas?

P. — Mui poucas, e os livros quasi todos eram escritos a mão — *manuscritos*; os impressos eram carissimos. Não havia letras moveis, letras separadas. Cada pagina dum livro era inteirinha gravada.

A. — Quem inventou as letras separadas? as letras moveis?

P. — Foi João Guttenberg, um allemão nascido em Moguncia, em 1409.

A. — Elle descobriu isso em pouco tempo?

P. — Não. Como todas as descobertas, essa lhe custou nada menos que dez annos.

A. — Sempre o senhor nos repete: levou tantos annos, levou tantos annos! Porque?

P. — Para que vocês vejam que nada se consegue sem trabalho perseverante.

A. — De que fez Guttenberg as letras? Não foram feitas de ferro?

P. — Guttenberg achou que o ferro era muito duro e o chumbo muito molle. Tantas experiencias fez, que afinal ficou sem recursos.

A. — Coitado! Ninguem o ajudou?

P. — Ajudaram-n-o sim, porém seus protectores morreram logo. Guttenberg, endividado, atormentado pelos credores, não pode continuar a sua obra.

A. — E as letras, já não estavam promptas?

P. — Não. Diz-se que um dos seus empregados foi quem teve a idéa de misturar antimónio com o chumbo e com tal substancia modelar as letras para a imprensa.

A. — Que é antimónio?

P. — É um metal branco azulado e quebradiço. A mistura desse metal com o chumbo deu um resultado mui satis-

factorio, maior do que se esperava, e a descoberta dos typos de imprensa progrediu então a passos rapidos.

A. — Guttenberg ficou rico?

P. — Qual! Andou errante, a braços com a miseria, até que afinal o arcebispo de Moguncia lhe deu uma modesta mesada para viver.

A. — Mas, Guttenberg foi um grande homem!

P. — Sim: foi o descobridor das letras de imprensa, dessa imprensa que hoje está aperfeiçoadissima, como vocês verão na proxima aula.

A PESCA

Professor. — Qual de vocês já assistiu a uma pescaria?

Alumno. — Eu, já, professor.

A. — Eu tambem. Será que aquelles homens e meninos, que ficam ali nas margens do Tietê o dia todo, pescam alguma coisa?

P. — De certo que sim, sinão não estariam ali.

A. — Papae diz que para algumas pessoas, o pescar é um vicio.

P. — Mas para outras é meio de vida, e bem penoso. Depois da agricultura e criação, é a pesca uma das profissões que occupam maior numero de pessoas.

A. — Os indios tambem gostavam de pescar, não é verdade?

P. — Desde os mais remotos tempos serviram-se os homens da pesca e da caça para sua alimentação.

A. — Mas, ha tanto tempo que se pesca, e nunca se acabam os peixes! . . .

P. — Não, e note-se uma coisa: não são só os homens os pescadores. Os peixes maiores devoram os menores, aos milhares. Mesmo assim, não ha perigo que os peixes se acabem, pois o seu numero é immenso. Um só bacalhau produz tanto como 9.000.000 de óvos!

A. — Então, si os homens não pescassem, as aguas não chegariam para accomodar tanto peixe! . . .

P. — Bem pensado.

A. — Eu gosto bem que haja tanto peixe, pois aprecio muito a sua carne.

P. — E' mesmo um alimento saboroso e nutritivo... Que especies de peixes conhece você, Mario?

A. — Ha peixes da agua doce e peixes da agua salgada.

A. — E' interessante que os peixes da agua salgada não sejam salgados tambem!

P. — Que peixes da agua salgada conhecem vocês?

A. — O cação.

A. — A garoupa.

A. — O robalo.

A. — A tainha.

P. — E da agua doce?

A. — O pirarucú.

P. — Sim. O nosso bacalhau, um dos maiores peixes da agua doce.

A. — A traira.

A. — O lambari.

A. — O dourado.

P. — As ostras, camarões, lagostas etc., não são peixes, mas são pescados para nossa alimentação... E como são pescados todos esses habitantes da agua, que saboreamos?

A. — Com rêdes.

A. — Com anzóes.

P. — Nos logares onde a pesca é muito grande para o consumo local, os peixes são salgados e conservados para exportação... Quaes são alguns peixes que recebemos em conserva ou salgados?

A. — O pirarucú.

A. — O bacalhau.

A. — A sardinha.

A. — O atum.

A. — O salmão.

P. — A pesca é uma profissão rendosa, mas nenhuma outra requer tanta coragem e resistencia. Alguns pescadores passam quasi toda a vida em pequenas embarcações, affrontando os perigos do mar.

QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth.
pedagogica," organizada por
A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA X

ORTHOGRAPHIA

A orthographia não poderá ser relegada para plano inferior, desde o inicio da vida escolar da criança.

O seu ensino deverá começar, pois, conjuntamente com o da leitura e composição.

E que é orthographia sinão a graphia correcta das palavras, como o está indicando o proprio termo, compreendendo o emprego exacto das letras maiusculas e da pontuação ?

Soletração, de si, não significa orthographia, e sim a descrição phonica dum vocabulo, e está para a palavra falada como a orthographia está para a palavra escrita.

Esta aprende-se pelos olhos; aquella, pelo ouvido. Ahi se acha a sua unica differença.

Mas, como poderemos aprender a orthographia.

Aprendendo a escrever, primeiro, a palavra; depois, escrevendo-a repetidas vezes até que o possamos fazer com facilidade.

Para conhecermos a fôrma duma palavra, é mistér, antes de tudo, que a vejamos, e o melhor meio para vê-la é desenhá-la, é traçá-la.

Desenhar, pois, ou copiar palavras, é o processo mais directo para receber impressões mentaes da palavra escrita.

Na soletração, os sons das letras recordam apenas as suas respectivas fôrmas, cuja combinação se dá mentalmente.

E', portanto, tão absurdo querer ensinar a orthographia dum vocabulo pela soletração, como é absurdo ensinar desenho por descrições oraes.

A verdadeira funcção da soletração é descrever as fórmãs de palavras que já existem no espirito, e nunca lá introduzil-as por actos de imaginação.

Sendo assim, só ha um meio, que é o mais natural e economico, para se aprender orthographia: é escrever, escrever palavras até que o possamos fazer automaticamente.

Assentada esta verdade, temos agora de responder á pergunta que logo apparece: Qual é o fim da orthographia?

Durante o primeiro anno, deve sêr encarada como méro preparo para o escrever, isto é, para o "falar com o lapis."

Todo o ensino da orthographia, na realidade, tende para um fim unico: a composição.

O vocabulario, dado para lição de orthographia, deve, pois, compôr-se: 1.º, das primeiras palavras ensinadas no quadro-negro; 2.º, das palavras mais de uso da criança; 3.º, finalmente, das palavras que a criança mais emprega no falar commum.

Devo, porém, prevenir-vos, quanto a este ponto, que a fórmula das palavras só muito vagarosamente é que se grava no espirito infantil.

E' mistér, pois, que não vos apresseis para o conseguirdes, nem vos impacientes.

A criança, para vencer cada difficuldade do seu aprendizado, precisa de fazel-o com alegria, com satisfacção, e uma qualquer impaciencia do professor pôde produzir-lhe desencorajamentos e aborrecimentos.

Dahi a necessidade de aguardar-se, com calma e paciencia, o desenvolvimento da idéa, que não pôde ser forçado.

Seria um erro exigir-se que o alumno de primeiro anno produza graphicamente palavras, sem o auxilio do modelo.

Nesse anno todo a attenção maior do professor deve applicar-se a preparal-a para "falar com o lapis."

E' bem de vêr que muitos exercicios de falar com a lingua serão um poderoso meio para attingir-se a tal objectivo; por isso deveis adoptal-os sem receio, que, sendo bem execu-

tados, farão que as palavras saíam do bico do lapis com a mesma facilidade com que saem da boca.

O resultado depende da confiança, da fé que a criança tenha em sua propria força e habilidade.

A fé como a humildade, são dois poderosos factores, dois inapreciaveis elementos para o successo de qualquer ensino.

Para não abafal-as é, porém, necessario que o mestre não se manifeste rude em palavras e gestos.

Qualquer trabalho de escrita que execute a criança, qualifica-o sempre de bom, afim de a não desanimar nos seus primeiros esforços de aperfeiçoamento manual e intellectual.

E ajuda-a mesmo, pegando-lhe na mão.

Eu, de mim, prefiro que ella sózinha, por esforços proprios, vença as difficuldades que se lhe antolharem, porque considero esses primeiros actos da vontade como fundamentos seguros da fé necessaria em sua capacidade para, no futuro, vencer novas e maiores difficuldades.

O mesmo exercicio deveis fazer com sentenças, que, por serem as fórmulas completas da expressão do pensamento, desenvolverão na criança o poder da recordação graphica das palavras, pelo proprio estímulo que o pensamento produz, exactamente como succede na leitura em relação ao sentido dos respectivos termos.

Todo este trabalho, repito, deveis effectuar vagarosa e pacientemente, afim de não irritardes as crianças nem lhes matardes o estímulo. E' preferivel que, uma vez que ellas não consigam realizar um qualquer trabalho, as deixeis tranquillias.

Si escreverem uma palavra errada, apague-lhes a escrita nesse ponto, antes que a fórmula errada se lhes fixe no espirito, e desenvolvi nellas, cada vez mais, o poder de copiar do quadro-negro, com exactidão perfeita, qualquer sentença que possam lêr.

Trabalho negligente, sim nunca aceiteis. mas não repreendaes as crianças por que o façam: apague-o apenas com a esponja, rapidamente, porém com physionomia tranquillia, e mandae que de novo o executem.

O vocabulario, melhor se consegue com a escrita do que com a leitura.

Durante o primeiro anno, formae um nucleo de palavras escritas, que se fixem indelevelmente no espirito dos alumnos, de modo a poderem elles produzil-as com a maior rapidez e exactidão perfeita, sem mais auxilio do modelo.

Exercitae-os a reconhecerem quando são capazes de vêr mentalmente uma qualquer palavra, e quando o não são. Em outros termos: desenvolvei-lhes a capacidade de reconhecer a sua propria ignorancia.

Dizei-lhes: "não escrevam nunca tal palavra, si a ignoram," e nunca lhes permittaes que a adivinhem.

A adivinhação apresenta geralmente á criança fórm as erradas, e como correctas só uma existe; aquellas serão sempre em numero maior.

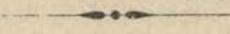
Nunca lhes deis oportunidade de verem ou ouvirem fórm as erradas. Isto só lhes deverá sêr permittido na escola secundaria, onde ha tempo de sobra para exercicios de falsa prosodia e orthographia.

Quando elles escreverem erradamente uma palavra, nada tenteis explicar-lhes: apague-a simplesmente, dizendo-lhes: "Não está direito."

Cultivae sempre na criança o desejo de realizar um trabalho bem feito e correcto, que lhe absorva todas as energias, que isso a impedirá de cometter actos de peraltagem e indisciplina. Quando se tratar de exercicios de ditado, lêde a sentença, mas uma vez sómente, em voz clara e natural.

Exercitae-a a ouvir com perfeição, e a lêr expressivamente e com a maior naturalidade.

Uma vez attingido este objectivo, será então chegada a oportunidade de exercital-a a *falar com o lapis*. Dahi para deante póde cessar a soletração, propriamente dita, cuidando-se com mais acuro dos exercicios de composição, porque os alumnos já se acharão aptos para escrever paginas e paginas sem erros orthographicos, e saberão applicar com propriedade não só as letras maisculas como a necessaria pontuação.



TRABALHO MANUAL

I

ESBOÇO HISTORICO

De conformidade com os dados que se deduzem da historia religiosa, durante o periodo da Refórma, as primeiras idéas do trabalho manual foram emitidas pelo monge agostinho — Martinho Luthero — a quem devemos tambem os passos iniciaes da cultura corporea ao mesmo tempo em que desenvolve o espirito. Coube, pois, ao reformador allemão a primazia de suggerir a idéa das occupações manuaes, como factor educativo, para as crianças escolares.

Não foi “*vox clamantis in deserto*” a de Luthero; a sua opinião foi acolhida pelos homens illustres de seu tempo. Assim, Rabelais considerava o trabalho manual indispensavel á educação das crianças, e Montaigne o recommendava com insistencia. E o celebre pedagogista — Comenius — reputando-o como elemento de grande alcance educativo, era adepto fervoroso do ensino das artes, da pratica de profissões e do exercicio de occupações manuaes.

“A escola, dizia Comenius, deve preparar o homem para a vida”; este preparo, porém só se consegue praticando o que se deseja saber: “aprendemos a fazer fazendo,” repetia elle.

Declarava Locke, illustre philosopho inglez, que o homem deve conhecer uma profissão util a si proprio e á sociedade em que vive; e, precisando o seu pensamento, dizia: “si o homem vive no campo, deve dar preferencia aos trabalhos agricolas.”

Effectivando as idéas correntes no seculo, Francke e Simler introduziram nas escolas a pratica do desenho, da carpintaria e da horticultura; o conhecimento dos seus resultados não chegou até ao seculo actual. Com elles, porém, começa o trabalho manual a figurar entre as disciplinas escolares.

Saindo da incerteza em que se achava, propria das idéas ainda não praticadas, o trabalho manual iniciou o seu desenvolvimento, no seculo XVIII, produzindo algo de aproveitavel;

o simples pensamento converte-se em realidade. Já não se critica tão sómente a escola antiga: o exame dos factos merece a atenção dos estudiosos.

Um raio de luz — a educação dos sentidos — penetra na escola, illuminando os mestres. E' Rousseau — cujo talento estava no seu coração — conduzindo o seu discipulo aos Alpes para contemplar a natureza que desperta; é Rousseau que, estudando as injustiças da idade medieval, proclama, no dizer de Noël, "o poder da pobreza"; é, finalmente, Rousseau, que desejava para o seu Emilio o martelo, a lima e outras ferramentas de uso commum. "Um officio para Emilio, dizta elle, um officio para Emilio. Fazendo-o operario, eu o farei philosopho."

O immortal autor do "Robinson Cruzoé," cuja narrativa são exemplos edificantes de quanto póde o esforço pessoal, demonstrou claramente a real importancia do trabalho manual alliado á destreza, á coragem, á observação e ao espirito de iniciativa. E assim, o naufrago se tornou senhor da ilha mysteriosa, perdida na immensidade do oceano...

Contribuiram para o desenvolvimento do trabalho manual dois illustres estudiosos — Basedow e Dessau — que não pouparam esforços para collocar-o ao lado da gymnastica. E mais tarde, o pae da pedagogia moderna — Pestalozzi — adoptou o trabalho agricola na escola popular. "A cultura elementar, escrevia elle, exige a harmonia do desenvolvimento das faculdades. Cada uma se desenvolve com o exercicio que lhe é proprio: o coração se desenvolve amando; o espirito pensando, e a mão trabalhando."

Confirmando a sua opinião a respeito do trabalho manual, expõe o plano para a manutenção do Instituto das crianças pobres. Promettia "fazer esforços para educar ás crianças abandonadas, ensinando-as a lêr, escrever e contar; ministrar-lhes conhecimentos relativos a pequenas culturas com cujos productos seriam adquiridos o material para alimentar-as e vestir-as."

Fröebel — benemerito da infancia — não só tinha idéas semelhantes ás de Pestalozzi, como tambem foi a sua vida "um

campo de batalha;" alargou o horizonte da escola, imprimindo-lhe uma orientação segura. O trabalho manual é definitivamente incluído no programma didactico.

"Todos nós observamos diariamente, escrevia Fröebel, o prazer que sentem as crianças quando lhes cáem na mão algumas pedras de dominó ou algumas cartas de baralho, não para usal-os no jogo propriamente dito, mas para construir casas, armar torres e fazer soldadinhos. Si pilham um jornal, logo o transformam em barquinho, em chapéo de soldado ou em muitas outras coisas. Não raro pedem á ama uma porção de massa para dar-lhe fórmãs que estão longe do objecto que tentam representar."

E, devido ao exame destes factos, o trabalho manual foi considerado disciplina escolar, obrigatoria, ao lado dos exercicios gymnasticos. A theoria froebeliana se impôz, portanto, modificando profundamente o character da escola antiga, instructiva, para transformal-a em escola educativa.

Concluído este pequeno estudo, feito a largos traços, sobre o trabalho manual nas escolas elementares, vamos tentar um esboço sobre a sua adopção nalguns paizes estrangeiros... e no Brasil.

O paiz que primeiro adoptou o trabalho manual, segundo as notas historicas, foi a Finlandia cujo povo mantem bem alto o sentimento de sua nacionalidade. Essa disciplina tem por fim, naquella terra, desenvolver a habilidade manual mediante o emprego de ferramentas apropriadas. Dois nomes podemos citar — Uno Cygnacus e Vera Hielt — como fundadores da escola do trabalho.

A grande maxima de Pestalozzi — "educar pelo trabalho e para o trabalho" — encontrou franco e decidido apoio na Suecia. O trabalho manual, adoptado com o fim de desenvolver as pequenas industrias domesticas, a principio, devido aos esforços de Oto Salomon, o seu fim se tornou, mais tarde, exclusivamente educativo. Dahi a origem do "slöjd" no celebre seminario de Nääs aonde, todos os annos, se dirigem professores estrangeiros e entre os que já o frequentaram, podemos

apontar um nome — José P. Frazão — membro do magisterio brasileiro.

As primeiras cogitações sobre o trabalho manual, na Dinamarca, devem-se a Clanson Haas e Mikkelsen, optando o primeiro pelo fim economico e o segundo pelo fim educativo. Destas duas correntes de idéas, sahiu vencedora a de Mikkelsen que installou o “Seminario do Slöjd” cujos resultados corresponderam aos esforços do seu fundador.

A Allemanha é o paiz, parece, onde mais se discute a questão do trabalho manual. As primeiras idéas suggeridas por Götze e Biedermann deram origem a muitas polemicas das quaes, por certo, sairá o espirito de orientação no ensino.

Não faltam associações, auxiliadas pelo governo, e nem se pôde dizer que não existem iniciativas particulares. Associações, autoridades e particulares estudam o problema sob diversos aspectos: economico, industrial e educativo.

E’ de justiça que, ao falar da Suissa, prestemos homenagens ao magisterio suizo. A elle cabe a honra de ter iniciado o movimento a favor do trabalho manual, assumindo um papel activissimo, ao passo que noutros paizes foram os philosophos que mantinham a batuta nas questões de ensino.

O magisterio suizo suggeriu o problema, levantou polemicas e sahiu vencedor. Na sua frente estava um professor — Samuel Rudin — que, sem favor algum, era uma das mais formosas intelligencias da Confederação Helvetica.

Seguindo os impulsos benevolos do seu coração, Rudin installou uma escola de trabalho, em Basileá, cujo fim era altamente educativo, ou melhor, exclusivamente humanitario. Nella acolhia as crianças pobres que, não podendo continuar os estudos, vagueavam pelas ruas da cidade, longe do aconchego do lar materno.

Chegando, porém, ao seu conhecimento a discussão que se mantinha ao redór do trabalho manual, na Allemanha, entre a escola do capitão Clanson e a do doutor Salomon, foi áquelle paiz onde estudou as duas correntes de opiniões, frequentando as respectivas aulas. Voltando á patria, iniciou uma propaganda intelligente, effectuando conferencias e fazendo

demonstrações praticas do alto valor educativo do trabalho manual.

A França, a Austria e a Belgica encaram o problema mais pelo lado economico (principalmente o primeiro desses paizes) do que pelo lado educativo. Os professores parecem um tanto indecisos quanto aos resultados provaveis e, porque não dizem-o? ainda não se aventuram ao estudo da questão. Aguardam a palavra dos sabios.

E no Brasil?

O trabalho manual está no inicio ainda. Sua literatura é mui pequena; alguns livros — quatro ou cinco — um ou outro artigo, escrito de longe em longe, e nada mais . . .

O espirito da disciplina, a orientação no ensino e a pratica do trabalho, com referencia ás populações ruraes, estão na phase inicial. Mas o problema do trabalho manual, no territorio paulista, já está em equação; a incognita será determinada dentro de pouco tempo.

D. VIZIOLI.

UMA INSTITUIÇÃO UTIL

Nada mais sublime, mais nobre e elevado do que amparar a infancia desvalida procurando tornal-a forte e, consequentemente, apta para enfrentar e superar todos os obstaculos da vida.

Sobre esta importante questão, já amplamente acoroçoada e desenvolvida em muitos paizes da Europa e mesmo da America, nós ainda permanecemos bastante atrasados, em expectativas, pois, quasi nada fizemos em pról do magno problema que mais directamente affecta o futuro da patria brasileira.

De facto, é doloroso o quadro pungente que se desenrola nos centros populosos, especialmente nesta Capital, devido á falta de assistencia á infancia desvalida que, á mingua de recursos varios, chafurda no lamaçal de toda a sorte de vicios e paga com a vida os seus infortunios.

Tenhamos em vista o velho e conhecido aphorismo — “mens sana in corpore sano.”

Não é bastante proporcionar á infancia instituições de ensino para o seu cultivo intellectual. Em primeiro lugar, devemos cuidar da sua saúde, do seu desenvolvimento physico, de accordo com os preceitos hygienicos, tão menosprezados entre nós. A proposito, fazemos nossas as palavras do “Journal do Commercio,” desta Capital: — “Aos poderes publicos cabia apressar-se em dar solução urgente a esse basico problema de ordem social. Anexo a cada escola deveria existir um departamento, onde o educando pudesse encontrar, não só os cuidados medicos para o seu organismo doente, mas, tambem, um systema completo e racional de cultura physica, como meio preventivo dos estados morbidos. Ao Estado, porém, escasseia tempo para taes preocupações . . .

Ainda bem que a iniciativa privada, sempre previdente, solicita, não trepidou em tomar a hombros tão arduo encargo. Ardua é certo, pelo volume de trabalho exigido, mas, em compensação, perfeitamente realizavel. Sim, porque, os fortes elementos que cooperam nessa cruzada superior, e que são todos que a conhecem, estarão promptos a não regatear esforços na effectivação do ideal antevisto.

São os promissores resultados da grande e providencial lei da necessidade, de cuja poderosa influencia ninguém pôde escapar.”

Assim se manifesta um dos principaes organs da imprensa paulistana que, com devotamento e applausos, tem se referido á humanitaria “Associação Escolar Medica Beneficente,” uma instituição util fundada nesta Capital por uma pleiade de abnegados tendo á frente o braço forte de Alfredo Costa, e que tem por fim especial proporcionar ás crianças das escolas: assistencia medica, fornecimentos de remedios, gabinete dentario e, futuramente, hospitalização.

Como se vê, trata-se duma instituição benemerita e que bem merece o apoio dos corações bem formados, maxime das pessoas abastadas que, sem sacrificio algum, poderão concorrer para a prosperidade da alludida instituição, cujos fins ver-

dadeiramente altruisticos precisam sêr amparados e amplamente desenvolvidos, pois é plano da "Associação Escolar Medica Beneficente" estender a sua acção a todo o interior do Estado, logo que o permittam as suas condições financeiras.

O professor publico paulista, mais em contacto e que mais de perto conhece as necessidades da infancia escolar, poderá com vantagens tambem concorrer para o engrandecimento da supracitada Associação, procurando angariar o maior numero possivel de socios, dentro e fóra do ambito escolar, mostrando as conveniencias de sêr associado mediante a modica contribuição mensal de I\$500 para os que podem contribuir; pois, independente dessa contribuição individual, que é de 3\$000 mensaes abrangendo toda a familia, a Associação presta todos os serviços clinicos e pharmaceuticos, gratuitamente, a todos os escolares reconhecidamente pobres.

Os poderes publicos, por sua vez, muito auxiliariam tão humanitaria instituição, que visa um fim tão nobre e elevado, proporcionando-lhe uma verba especial para a sua manutenção.

A' imprensa entregamos o patrocínio da nobre causa, e assim esperamos attingir ao fim collimado, — a prosperidade da "Associação Escolar Medica Beneficente."

GALDINO CHAGAS.

A LINGUA VERNACULA

Folheando a revista dos classicos que fluctuam nas aguas literarias brasileiras, tem-se logo a impressão de que, tanto no Brasil como em Portugal, hão sido os conventos os geradores da maior parte das pennas sadias, revestidas de atticismo e pureza.

Ainda que se procure afastar a idéa de que o clero, mais que qualquer outra classe, tem predominado na literatura nacional, a gente se vê quasi obrigada a concluir que a causa primordial do predomino monastico, aceite por imperiosa voz de

justiça, é em grande parte attribuida ao alto grau de estudo a que os seminaristas são submettidos.

Facil se torna, portanto, perceber que a literatura não póde e não deve ser cultivada por quem, alheio a um acendrado amor á lingua vernacula, descuide da aquisição duma base forjada com indispensaveis conhecimentos vernaculares.

Comquanto a originalidade, o gosto, o sentimento, e demais attributos que concorrem para uma producção louvavel, sejam o reflexo dum temperamento artistico, ha uma grande necessidade de ter-se em conta um estudo mais ou menos seguro da lingua.

Esse estudo deve, sinão antecipado, sêr feito a par com os ensaios literarios, afim de que se consigam paginas apreciaveis, pelo estylo e pela idéa que encerram.

E, o que falta á nossa gente é, em summa, a instrucção.

A instrucção, sim, em primeiro logar.

A quantidade de talentos promissores, brilhantes constelações que surgem medrosas no firmamento das letras nacionaes, tem attentado, sobremodo, a fecundidade intellectual da nossa gente. Todavia, o modo por que os principiantes pretendem attingir a consecução de trabalhos literarios de meritos apreciaveis, é bastante infrutifero e quasi irrisorio.

O ensino publico, que tem descortinado horizontes amplos, repletos de magnificencia, procura, com a iniciação do ensino do bem falar — a debatida e commentada calliphasia que aturde os inexperientes que a conhecem apenas de nome — estabelecer um conhecimento razoavel da “lingua nacional.”

E, dizemos “lingua nacional” porque, realmente, é esta que devemos conhecer.

Seríamos grandemente insensatos si, apegados ao tradicionalismo exclusivo, enraigados ao classicismo luzitano, quizessemos seguir a mesma lingua portugueza de seculos passados ou da falada presentemente em Portugal, em vez de acompanharmos o curso natural que a mesma tem seguido no Brasil.

Sem pretensão de nos apparentarmos revolucionarios linguisticos, creadores de vocabulario novo e novas, regras, procuramos não commungar com os fomentadores dum ideal ir-

realizavel que é a conservação do ergastulo que nos prende ao archaico classicismo. Antes, procuremos sêr brasileiros, no sentimento e na lingua, não desprezando, comtudo, os escritores classicos de Portugal e do Brasil, tendo em mente que reagir contra o afastamento do nosso vocabulario e da nossa syntaxe, do vocabulario e syntaxe da nação irmã, será um trabalho improficuo em pról dum ideal inatingivel.

E, como asseguramos de principio, os conhecimentos vernaculos são de grande carencia para a formação intellectual de nossa gente, por isso que será de grande importancia o trabalho das escolas tanto primarias como secundarias.

Iporanga, março de 1925.

SOUZA FERRAZ.

IMPORTANCIA DO BRINQUEDO NA EDUCAÇÃO

Tres são os principaes pontos fundamentaes do brinquedo: energia, descanso e preparação. Nenhuma destas coisas porém, exclue as outras.

A imitação desempenha papel importante no meio social, e uma vez que, até certo ponto, o brinquedo é uma imitação, elle deve sêr grande factor no preparo da nossa infancia.

O brinquedo começa pouco após o nascimento e continúa, mais ou menos, durante toda a vida.

A principio, a criança brinca por prazer proprio, excesso de alegria; mais tarde, brinca por imitação porque vê os outros brincarem, e o espirito de competição manifesta-se logo. Quando chega o tempo de ir á escola, ella está prompta para brincar com os companheiros, a tomar parte nos seus jógos e brinquedos.

A' medida que creçe, divertindo-se, trabalha pelo desenvolvimento e engrandecimento da sua associação, do seu clube. Para que? Simplesmente para desenvolver os seus musculos, ou para descansar o seu intellecto? Decididamente, não.

Divertindo-se, prepara-se para seu trabalho quotidiano.

Do mesmo modo que os homens não podem trabalhar isoladamente, não podem isoladamente brincar.

O trabalho e o brinquedo são tão intimamente relacionados, que é difficil dizer onde um termina e onde principia o outro. Todo brinquedo exige trabalho; todo trabalho deveria ser feito como si fôsse um brinquedo.

Preparando o terreno para um jogo, um rapazinho capinou, de boa vontade, toda a tarde. Si o pae do mesmo menino o mandasse carpir na sua roça, por meia hora, elle sentir-se-ia muito maltratado.

Examinemos a outra face da questão. Um artista pobre e sem recursos pinta para sustentar-se.

Supponhamos que mais tarde a sorte lhe sorri e elle se torne rico. Abandonará a palheta e as tintas?

Por certo que não! Existe ahi uma differença: o que era trabalho, agora é prazer, é brinquedo.

Um dos principaes fins educativos deve ser o desenvolvimento do habito de contentamento no trabalho.

O brinquedo, em seu sentido amplo, póde ser dividido em tres classes mais ou menos distinctas: *brinquedo*, propriamente dito, *jógos e divertimentos*.

Brinquedo, propriamente dito, é o que faz o pequeno quando, gritando, joga o boné ao ar; quando, apitando, corre fingindo locomotiva.

Quando um brinquedo apresenta regras e restricções, é chamado — *jogo*. Em todo jogo ha partes que são verdadeiro trabalho.

Os *divertimentos* são especies de jógos em que alguma pessoa ou pessoas trabalham para que a outra ou as outras brinquem ou se divirtam.

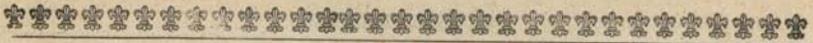
Sendo o brinquedo, pois, o preparo para o trabalho da vida, elle deve ser guiado afim de melhor ensinar a trabalhar e a viver. Um gato, quando ainda pequenino, corre, salta, pega, larga e torna a agarrar a bóla, desenvolvendo assim agilidade e astucia. Não são estas as qualidades que o farão mais tarde bom caçador? Brincando, aprendeu sua profissão.

Com o homem deve dar-se o mesmo. Ainda mais: brincando, não só habituar-se-á a trabalhar em harmonia com os outros, mas habituará as diferentes partes do seu proprio corpo a trabalharem simultaneamente.

O brinquedo não é, pois, apenas um descanso, uma recreação: é a escola da vida.

Examinando a importancia que o brinquedo exerce no desenvolvimento infantil, vemos quão necessario é que nós, professores, demos mais attenção á actividade da criança, que lhe proporcionemos mais jógos e brinquedos e que exerçamos sobre estes prudente vigilancia.





LITTERATURA INFANTIL

A BOA LIÇÃO

(LEITURA ADEANTADA)

Naquelle dia o professor lêra uma bella pagina sobre a Educação, e achou opportuno, durante a aula de leitura, repetil-a com vagar aos seus alumnos, tão bellos e tantos ensinamentos continha o referido entrecho. Explicou o que era a Educação, o trabalho proficuo do mestre, e pediu aos discipulos que prestassem bastante sentido, pois que, depois, faria algumas perguntas sobre o assumpto desenvolvido.

— Smiles, Samuel Smiles, disse o mestre, é um grande educador. Os seus livros — “*A Educação da vontade,*” “*Character,*” “*Caminha!*” são repositorios preciosos de ensinamentos sadios e duradouros. Mais tarde, quando cada um tiver certamente escolhido uma carreira ou um officio, recommendo-vos, procurar lêr as obras de Smiles. Affirmo-vos que muito vos servirão os seu conselhos, as suas boas palavras. Que de inestimaveis recursos podereis colher nessa magnifica seára de espigas de ouro!

Prestae, pois, attenção ao trecho que vou desenvolver da melhor fórmula e com palavras e phrases á altura da comprehensão de todos.

— Sois jovens e como sabeis, as crianças, os meninos, os jovens e as mulheres moças constituem sem duvida a maioria da sociedade. Dahi provém a importancia que devemos dispensar á Educação. As arvores novas, quando tenras, se endireitam mais facilmente; depois de crescidas, é quasi impossivel aprumal-as, — ficam tortas para sempre. Assim tambem se dá com as criaturas. A mocidade é a época do crescimento e do desenvolvimento, da actividade, da imaginação e dos impetos instinctivos.

As sementes da virtude, do saber, dos bons exemplos, semeados na mocidade, brotam em palavras e em boas acções, e finalmente amadurecem como habitos no espirito de cada um.

Quando o espirito e o coração não forem guiados e cultivados na mocidade, com o cuidado necessario, acontece o mesmo que vemos com as arvores: nunca mais se endireitam, vão por caminho falso, eterno caminho de erros e quedas.

Emquanto jovens, devemos cuidar de fortalecer o espirito e o corpo, para mais tarde, quando homens, sentirmos as dadas bemfazejas dum corpo são e dum espirito são.

O alvo da Educação é este: — desenvolver no homem os germens da sua natureza boa, preparal-o para os annos vindouros, para as lutas, as adversidades. Vêde o escultor: toma duma pedra bruta e transforma-a com o seu genio em imagem de perfeição, em symbolo de belleza.

A Educação tende para fim igual.

Os mestres são, meus caros discipulos, os escultores de almas.

Mais tarde, com o estudo e a experiencia podereis comprehender melhor a grande ddiva que recebestes aqui na escola.

Sêde, pois, bons por amor da bondade; sêde bellos por amor da virtude e lembrae-vos, em todas as acções de cada dia, que o vosso futuro depende muito, sim, muito, das lições que aprendeis na escola — esse complemento do lar. E' claro que vos falo da boa e sã Educação, porque nem sempre os jovens são bem guiados e a instrucção que se lhes ministra, por culpa quasi sempre dos paes, é falha e viciosa.

E' preciso cuidar com principal interesse das tendencias naturaes de cada um, cuidar de educar a vontade, o character, tornando-o, naturalmente, nobre e elevado, como o quer esse grande mestre de energia que é Smiles — o inspirador desta lição.

Segui os bons exemplos, estuda e com vontade e abandonae as más e perigosas companhias, que ellas são quasi sempre a causa das nossas desgraças. Sêde bons e bellos. Amae o estudo

e a disciplina. Respeitae vossos paes, honrae os vossos semelhantes e dignifícae com o amor, a virtude e o trabalho esta terra abençoada que Deus vos legou — o Brasil.

O RIO

O doce marulhar das aguas deste rio,
Que ora se encrespa ao vento e ora sereno passa,
Tem o som duma prece e o vago murmúrio
Das plumagens azues dum passaro que esvoaça.

Nasceu além, na serra. Era pequeno fio.
Cresceu, tornou-se agora uma potente massa
Que faz curvas gentis de variado feitio,
E campos de esmeralda e montanhas abraça.

E' nobre o seu mistér e ingente a sua obra!
O seu impeto audaz mil engenhos manobra,
Possante e pertinaz, invencível e ufano.

Prosegue triumphal como um heróe da guerra,
Engrossando outros mais, fertilizando a terra,
Coroando-se, afinal, com as espumas do Oceano.

ANTONIO FARIA — (*Seára patriotica.*)

UMA LIÇÃO

— Mamãe, que historia horrível eu soube a respeito de Lydia! . . . Antonieta contou-a a Laura, que, por sua vez, m'a contou.

Laura disse-me que Lydia . . .

— Filha, interrompeu D. Augusta, primeiramente vá guardar seu chapéo e seus livros; depois volte que eu tenho uma historia para lhe contar antes de ouvir a sua.

Logo que a menina voltou, a mãe narrou-lhe o seguinte:

“Certo dia uma senhora chegou-se a um padre e disse-lhe: — Padre, tenho procurado sêr boa, mas confesso não ter sabido governar minha lingua tão bem como devera.

Contaram-me um factó que muito desabonava uma amiga e eu o repeti a todas as pessoas com quem me dava.

Estou arrependida, muito arrependida! Diga-me o que devo fazer para reparar o mal que pratiquei, pois a historia que tão imprudentemente espalhei, era falsa.

— Volte a sua casa, respondeu o padre, pegue uma gallinha, mate-a e traga-m'a aqui. Mas não se esqueça: venha depennando-a e espalhando as pennas pelo caminho.

A senhora retirou-se, fez o que o sacerdote lhe ordenara e voltou com a gallinha depennada.

— Aqui está a gallinha.

— Volte agora pelo mesmo caminho percorrido e erga todas as pennas que acaba de espalhar, disse-lhe o padre.

— Impossivel! respondeu, afflicta, a senhora.

— Tão impossivel como é sanar o mal causado, recolher as sementes da discordia, maldade e dôr que a senhora espalhou com a noticia falsa.

Sirva-lhe isto de lição, e quando outra vez ouvir alguma historia má, não a repita. Não acredite tambem em tudo o que ouvir.”

Agora, minha filha, conte a historia de Lydia...

Julia sorriu e falou: — Não quero mais repetil-a, mamãe. Quem sabe si não é verdadeira? E si fôr verdade, nada adeanta que os outros a saibam.

Eu vou mas é repetir á Antonieta e á Laura o caso que a senhora acaba de me contar.

NÃO FAÇAS A OUTREM...

Lulú e Bilóca, duas garrulas crianças, louras e traquinas, que faziam rir a mamãe e punham em alvoroço o *Bichano* e o *Bilú*, ouviam sempre o papae zangar-se á mesa, porque a vovó — boa velhinha, quasi céga, sujava a toalha, ás refeições.

“Seria melhor que comesse na cozinha e nalguma cuia: não mais mancharia as toalhas, nem quebraria as louças!”

Assim falava asperamente o pae dos travessos, enquanto a mãe chorava por vêr sua velha progenitora tão cruelmente maltratada.

Uma tarde o pae dos petizes foi surpreendel-os no quintal, de faca em punho, cavando pedaços de pau.

— Que estão fazendo ahí, *seus* endiabrados?

— Então, o papae não sabe o que é? Estamos fazendo cochinhos para o papae nelles comer quando ficar bem velhinho, como a vovó.

— Que boa lição! exclamou a mamãe que tudo ouvira. E ao esposo envergonhado accrescentou: — “Não faças a outrem o que não queres que te façam!”

A' ARVORE

E's alacre e triumphal, ó arvore florida,
Na esmeraldina côr das tuas verdes franças!
E's musica e clarão — ás almas das crianças,
E's perfume e calor — aos vencidos da vida.

Aos que vivem na paz das brandas esperanças,
Tu abrigas á sombra, em ridente guarida,
E aos que choram, na Dôr, levados de vencida,
Dás a calma mansão das tuas folhas mansas.

E's amiga de nós! Dás o berço na infancia,
O recesso de um lar, a seiva dos teus frutos
E o funereo caixão na derradeira estancia.

Salve, arvore florida! As estrellas te incensam
E os passaros do Azul a ti rendem tributos,
Quando vens a sorrir — como uma eterna bençam!

CESAR GODOY.

“PORQUE?”

A criança que pergunta *porque?* antes de obedecer, não está obedecendo bem.

Occasiões ha em que os paes ou professores não querem ou não pódem explicar *os porques*.

Crianças, dae provas da vossa inteira confiança na amizade e criterio desses vossos melhores amigos, obedecendo ás suas ordens para depois, mais cedo ou mais tarde, descobrires porque foram ellas dadas.

Estava um menino num campo, a passeio com seu pae, quando este, de repente, exclamou: “Fique ahi bem quieto, João! Não se mexa!”

Si João tivesse sido como muitos meninos que eu conheço, teria logo perguntado: — “*porque*, papae?” e talvez se tivesse voltado para vêr si elle mesmo descobriria a razão duma tal ordem.

Mas, não. Elle ficou immovel como uma estatua, e o pae adeantando-se matou uma enorme cascavel enrolada pertinho do menino.

Nem sempre talvez uma obediencia tão prompta seja necessaria; mas a criança que aprende a obedecer sem perguntar *porque?* terá muitas vezes que se alegrar, por ter aprendido esta importante lição.

Obedecer primeiro, e depois haverá tempo de sobra para se saber *porque*.

— Ouçam outra historia:

Estava um dia um agricultor inglez trabalhando as suas terras, quando viu um bando de caçadores a cavallo entrando em sua propriedade. Tinha elle um campo cultivado que não queria que atravessassem, pois as patas dos animaes muito prejudicariam a plantação. Mandou um menino, seu empregado, fechar depressa a porteira que dava entrada a esse campo e guardal-a, dizendo-lhe que não deixasse, absolutamente, pessoa alguma por ali passar.

O rapaz foi, e mal fechára a porteira aproximaram-se os caçadores mandando que elle a abrisse.

Recusou-se o rapaz, dizendo que as ordens do seu patrão eram para não abril-a e que tencionava cumpril-as.

Ameaçaram-n-o, mas elle não se incommodou.

Offereceram-lhe dinheiro, mas elle não quiz aceitar-o.

Por fim, um delles adeantou-se e disse em tom autoritario: "Menino, você não sabe quem sou eu. Sou o Duque de Wellington. Não estou acostumado a sêr desobedecido. Abra, já, essa porteira, para que eu e meus amigos possamos passar."

O pequeno tirou immediatamente o seu bonézinho, e descoberto ante a personagem que toda a Inglaterra honrava, disse com firmeza:

"Tenho certeza que o Duque de Wellington não deseja que eu desobedeça ordens. Preciso conservar essa porteira fechada. Ninguém poderá por aqui passar sem ordem do meu patrão!"

O valente guerreiro apreciou tanto o gesto do menino, que, tirando o seu chapéo, disse: "Cumprimento a criança e o futuro homem, a quem nem o dinheiro, nem o temor conseguem fazer desobedecer ordens. Com um exercito de taes soldados eu conquistaria o mundo inteiro!"

E, pondo nas mãos do rapazinho uma moeda de ouro, esporeou seu cavallo, e partiu a galope.

UMA HISTORIA

(IMITAÇÃO)

Noite de Natal!

Noite linda, que me faz chorar a perda de minha innocencia! Noite linda, que já lá se vae tão longe!...

Como é sublime a innocencia! Oh! mães, zelae pela candura de vossos filhinhos. Castigae severamente o perverso que procure desvendar aos pequenitos os vicios e peccados deste mundo, não os deixando mais acreditar nos contos de fadas, nos castellos encantados, no menino Jesus que lhes põe doces e brinquedos nos sapatos...

.

A Zezé precisava ganhar um brinquedo no dia de Natal. Ella era muito pobre, tinha perdido o papae mui cedo. Como todas as crianças, gostava de brinquedos.

Emquanto dormia como dormem os anjos, a sua boa mãe, uma costureira, viuva, doente e pobre, acabava as roupas que deveria ir muito cedo levar á loja, afim de receber umas moedas para comprar uma boneca á sua adorada filhinha.

A pequena desperta chorando, pedindo a boneca.

— Não chores, filhinha, amanhã bem cedo irei procurar o menino Jesus e pedir-lhe-ei o teu brinquedo. Elle decerto, esqueceu-se de ti, pois são tantas as crianças! . . .

Na manhã seguinte, linda manhã dum claro e alegre dia de Natal, a pobre mãe corre á loja para entregar as costuras, receber seu salario e comprar o brinquedo tão almejado pela filhinha. No corredor, porém, encontra o senhorio, sevêro, que grosseiramente reclama o pagamento dos alugueis em atrasó.

E a pobre mãe, regressou da loja, pagou os alugueis, mas não trouxe a boneca!

Vendo-a, a filhinha salta-lhe ao pescoço e pede mais uma vez o brinquedo.

— Escuta, filhinha. Não fiques triste. Eu cheguei tarde. O menino Jesus não tinha mais nem um brinquedo, mas ensinou-me uma historia muito bonita para te contar. Queres ouvil-a?

— Conte-a, conte-a, mamãe.

— Era uma vez uma rainha muito rica, que morava num palacio todo de ouro e pedrarias; ella era muito bonita, mas muito infeliz . . .

— Porque, mamãe?

— Porque não tinha uma filhinha . . .

.
Lagrimas, risos e beijos emmolduraram aquelle quadro tristemente bello.

E, nesse extase de ternura e affecto, a meiga criança foi ao poucos adormecendo nos braços maternas, esquecida já da tão almejada prenda do Natal! . . .



OS GATOS

(1.º ANNO)

Já repararam,
Meus amiguinhos,
Que os gatos lavam
Os seus focinhos

Antes de á mesa
Se assentarem,
E quando fartos
Já se acharem?

Porque o fazem?
Perguntarão...
Lendo esta historia
O saberão.

Um rato, preso,
Pôz-se a chiar;
Sabia ao certo
Não escapar.

Prompto a comel-o
Estava um gato...
Para salvar-se,
Falou-lhe o rato:

“Você esqueceu-se
De se lavar...
Cara bem limpa,
Bom paladar!...”

Erguendo a pata
P'ra se limpar,
O gato vê
O outro *azular*.

O JARDIM DA VOVÓ

VII

— “Vovó, como é a outra historia da semente?” perguntou Lulú.

— “Você é bom credor!” respondeu, sorrindo, a vovó.

— “E’ que eu gostei tanto da primeira!”

— “Hoje você vae saber como as sementes viajam, e outras coisas admiraveis a seu respeito.

A natureza não gosta de vêr terreno desoccupado, e assim ella produz sementes para cobrir toda a superficie da terra. Não só fornece as sementes, como ainda o transporte para as mesmas, ás vezes, através de leguas e leguas.

E que curiosos são os seus vehiculos!

Uma familia de plantas ha cujas sementes são como os aeroplanos: — viajam pelos ares, levadas pelo vento. Outras plantas, como os coqueiros, dão os côcos, que navegam quaes marinheiros. Levados pelas ondas, vão rolando até acharem uma terra apropriada para ahi lançarem os alicerces da sua alta moradia. Algumas sementes viajam nos intestinos das aves e são depositadas longe, bem longe da sua terra natal. Outras, como o *carrapicho*, viajam escondidas, enroladas na lã dos carneiros. As sementes desta familia fazem, ás vezes, longas viagens a cavallo e até — a camelo.

Um passaro leva em seu bico uma sementezinha para alimento dos filhotes. Deixa-a cair. Onde ella cáe, germina e cresce ignorada. Annos depois, eil-a transformada em magnifica arvore frondosa, a cuja sombra descansam homens e animaes.

O modo por que as sementes se espalham pela superficie da terra é admiravel, mas não tanto quanto é a propria semente.

Ha uma infinidade de bellezas e prodigios occultos em cada uma dessas pequeninas criaturas.

Depois, considere, meu neto, o seu immenso numero, a separação perfeita das differentes espécies, seu poder de viver e de resurgir, sua poderosa frutificação!

Deixou alguma vez uma semente de produzir a sua determinada especie? Enganou-nos alguma vez? Produziu algum dia a semente duma laranja, uma macieira? Deu-nos alguma vez a semente do trigo, canhamo? Absolutamente, não.

Sabia e admiravel natureza que faz com que cada semente lançada ao sólo germine, cresça, floresça e frutifique para a perpetuação da sua especie!”

CONTENTE-SE COM SUA SORTE

Seis pintinhos resolveram morar no campo, sózinhos. Não gostavam da companhia de gallos, perús e patos.

Uma manhã, bem cedinho, mal o sol despontara, puzeram-se a caminho, correndo e pulando, mui contentes, batendo as azinhas.

— “Como é lindo, aqui fóra!” disse um.

— “Quanto capim!” falou o segundo.

— “Como o céu está azul!” disse o terceiro.

— “Como as folhas brilham!” interveiu o quarto, que era um pintinho branco.

— “Nunca vi tantos bichinhos!” tornou outro pintinho, parando para apanhar um.

Um sabiá, pousado numa arvore, entoava sua canção matinal.

Os pintinhos pararam para ouvil-o.

— “Eu canto melhor do que aquillo!” disse o menorzinho dos pintos. “Ouçam-me.” E começou: “pio, pio, pio.”

“Capaz, maninho!” falou o pinto maior. “Não podemos cantar tão bem como os passarinhos; mas, em compensação, somos mais valentes do que elles. Aquelle sabiá, por exemplo, tem medo do gato amarello. Eu o vi fugir a toda a pressa, outro dia, quando o gato o espreitava á porta da cozinha.”

— “Que tolo!” disseram os outros, “nós não temos medo de gatos!”

Corriam alegres... Eram os seis pintos mais felizes do mundo.

Tinham chegado quasi ao fim do campo, quando de repente ouviram um ruido estranho. Que seria?

Pararam e olharam.

Era um enorme gavião, bem por cima das suas cabeças, prompto para agarral-os.

Pobres pintos! Que haviam elles de fazer? Não tiveram muito tempo para pensar, pois no mesmo instante desceu o gavião e agarrou o menorzinho delles.

E foi-se pelos ares conduzindo-o ao ninho onde os filhotes famintos esperavam a refeição.

Restavam só cinco pintinhos!

Acompanharam com os olhos o gavião, até perdê-lo de vista e depois, acabrunhados e tristes, voltaram em direcção ao gallinheiro donde tão alegremente haviam sahido.

O sabiá cantava no mesmo galho, mas elles não o ouviram.

Nenhum proferiu palavra até quasi chegarem ao portão do gallinheiro.

Ahi chegados, o primeiro disse, em tom tristonho: “A relva não está tão verde como estava!”

O seguinte, meneando a cabeça, accrescentou: “Nem o céu está tão azul!”

— “As folhas não têm mais brilho,” falou o branquinho.

— “Eu não quero mais bichinhos,” ajuntou outro, deixando de pegar um insecto bem gordinho que lhe atravessava o caminho.

Entraram cabisbaixos no gallinheiro. A sua apparencia tristonha attrahiu a attenção das gallinhas, perús, patos etc. Vi-eram correndo saber o que lhes havia acontecido.

O maiorzinho contou-lhes então, mui triste, o succedido na sua longa viagem.

Todas as aves o escutayam attenciosas, e quando elle acabou a narração, disse uma velha e sisuda gallinha:

“Tendes aqui bastante o que comer e beber; bom logar onde dormir; companhia de amigos. Que mais precisaes, pintos?”

Espero que o triste caso succedido vos ensine a contentar-vos com a vossa sorte, a vossa vida.”

“FESTA DA BANDEIRA”

(Meninas representando as côres e as estrellas da bandeira nacional).

CÔRO

Eis-nos aqui, meus senhores,
Alegres, vivas, contentes;
Representamos as côres
Da Bandeira resplendente.

Ao branco vamos juntar:
Amarello, verde, anil,
— Quatro côres a formar
A Bandeira do Brasil.

Nota: Ao iniciarem a segunda quadra, as tres côres devem estar afastadas do branco e, delle se aproximando, cantam a alludida quadra.

BRANCO

Como vêm, reunidas, formamos a nossa querida Bandeira, este symbolo sacrosanto, em cujas dobras se abrigam os corações brasileiros, que jámais negaram agasalho aos povos doutras terras. Mas, apresentemo-nos, cada qual por sua vez. (*A' côr verde.*) *Fala tu, primeiro, minha amiga.*

VERDE

(*Cantando.*) O grande mar, as florestas
Symbolisa minha côr,
E a natura sempre em festas,
Desta terra de esplendor.

(*Fala.*) Sim, meus senhores, sou o verde-mar brasileiro, esse mar que trouxe Cabral a estas plagas; sou tambem a nossa floresta onde o verdor dos grandes troncos colossaes atesta a exuberancia dum sólo abençoado!

Contemplae-me, admirae-me e sentireis vibrar, com mais ardor, as fibras ardentes do patriotismo! Agora, tu, amarello.

AMARELLO

(*Cantando.*) O cubiçado metal
 Representa minha côr,
 E, no reino vegetal,
 Sou o lindo ipé em flôr.

(*Fala.*) Represento a riqueza, o esplendor, o bem-estar: sou o ouro. Por mim, destemidos paulistas, abandonando o conforto do lar, afrontaram perigos e a sanha dos naturaes: embrenharam-se galhardamente pelas florestas sem fim. Represento ainda o trabalho — esse poderoso factor do progresso: ante mim, a ociosidade fôge espavorida! Tenho sob minha guarda o futuro da Patria . . . Que nos tens a dizer, azul?

AZUL

(*Cantando.*) No bello manto brilhante
 Dum vasto céu sempre azul,
 Scintilla, altivo e constante,
 Nosso “Cruzeiro do Sul!”

(*Fala.*) Sou o azul, a côr do céu, deste céu brasileiro onde o — CRUZEIRO — sentinella avançada do infinito, acena ao viajor, mostrando-lhe o torrão privilegiado por DEUS: sou esse immenso palio de anil que, nas noites enluardadas, faz vibrar a alma do poeta e inspira ao sertanejo a canção dolente que se mistura aos gemidos compassados da sua viola amiga. Ouçamos o que diz o branco.

BRANCO

(*Cantando.*) Na faixa branca inclinada,
 “ORDEM, PROGRESSO” se lê . . .
 Minha terra está fadada
 P’ra grandeza, bem se vê.

(*Fala.*) Sou a côr da paz, da harmonia, o symbolo da pureza; sou a alma brasileira; sou o laço immaculado ligando, pela amizade e pela gratidão, o coração brasileiro ao dos que, nascidos noutras plagas, comnosco vêm collaborar no engrandecimento da terra que os abriga. Prophetizando o risonho futuro que nos está reservado, fala, bem alto, o lemna: “ORDEM E PROGRESSO!” (*Longa pausa.*)

Uma das estrellas: — Então, não nos querem ouvir? Julgam, porventura, que aqui estamos como simples figuras decorativas?

Ouçam-nos:

ESTRELLAS:

(*Cantando.*) O Districto Federal,
Mais os nossos vinte Estados,
Na Bandeira Nacional
São por nós representados.

(*Falam.*) Somos vinte e uma e, embora differentes em brilho e tamanho, somos irmãs, vivemos unidas, temos um unico ideal: — a grandeza da Patria! Irmãs! Sendo o dia de hoje dedicado ao symbolo augusto da idolatrada Patria, entoemos em côr a prece á Bandeira; enalteçamos em versos o lábaro sagrado, esse pedaço de panno que é tudo para nós!

PRECE Á BANDEIRA

Foi na escola, bem me lembro,
Dia de festa, flôres mil,
19 de Novembro . . .
Estandarte do Brasil,
Tão gentil! . . .

Os alumnos, com ardor,
E enthusiasmo, te saudavam,
Pavilhão encantador,
E tua gloria proclamavam
E cantavam.

CÔRO

Ao te vêr, oh! Bandeira,
Sinto em mim palpitar
Todo o amor que me induz
A sempre trabalhar,
Te elevar.

Cada vez que te vejo,
Me lembrás, oh! Bandeira,
Bellezas sem igual
Da terra brasileira!

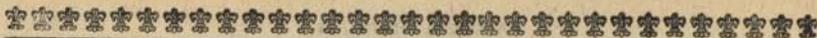
Pela côr verde representas
Nossa riqueza florestal,
O amarello que tu ostentas
— O nosso reino mineral
Sem igual!

Esphera azul e branca faixa
“ORDEM e PROGRESSO” ella encerra...
Dizem: o Brasil sempre marcha
Em paz, livre de luta e guerra.
Santa terra!

Pavilhão nacional,
E's de todos o mais bello!
Ah! não tens, não tens rival!...
Branco, azul, verde, amarello...

EUCLYDES LUZ.





METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

OBJECTIVO DO ENSINO—DIVERSIDADE DE OBJECTIVOS

(A. TOMPKINS — Trad.)

(*Continuação*)

Ora, tudo isto é facilmente explicado. Cada nação introduz em seu pensamento educativo aquillo que é predominante na sua vida. Foi o que se deu, por exemplo, com a China, Athenas, Roma. O mundo occidental acha-se em sério conflicto com seu meio physico. Portanto, suas forças educativas são dirigidas á accumulção de poder material, assegurando ao homem a sua liberdade physica.

Não se deve, pois, dizer que a liberdade physica seja um objectivo inutil na educação; pois a liberdade espiritual no homem é em grande parte dependente da sua liberdade physica. Mas é discutivel que essa felicidade e esse conforto physico constituam o unico, ou o mais elevado alvo. Rousseau assim desenvolve a questão:

“Na ordem natural das coisas, todos os homens sendo eguaes, a vocação commum a todos é a de sêr homem, e todo aquelle que estiver bem preparado para isto, não póde desempenhar mal qualquer vocação que tiver. Pouco me importa que meu alumno seja destinado ao exercito, á igreja ou aos tribunaes. Antes que elle possa pensar em aceitar a vocação de seus paes, a natureza exige que seja homem. O modo de viver, isto sim, é o que desejo ensinar-lhe.

Admitto que, ao me deixar, elle não seja nem magistrado, nem soldado, nem padre; mas será em primeiro logar um homem.”

Uma vez que a educação é tanto um bem physico como espirital, ha dois fins a serem attingidos pelo mesmo processo. Isto não pôde sêr conseguido si os fins forem antagonicos; mas sim quando um fôr superior ao outro; — si o mais fundamental fôr attingido, o outro será realizado. A controversia entre educação industrial e cultural, encontra opposição entre os fins procurados. Mas não ha esta opposição; ao contrario, existe harmonia indispensavel. Concentrando o esforço no objectivo fundamental, o outro será efficazmente alcançado; e muito mais efficazmente do que si o objectivo inferior fôsse o directamente procurado. Si as necessidades da alma forem satisfeitas, os fins utilitarios da vida serão muito mais certa e verdadeiramente realizados do que si estes forem directamente procurados. Si, no acto de educar, o professor conservar firme na sua consciencia, o desenvolvimento espirital da criança, e guial-a por ahi, fará o melhor possivel para que ella seja bem succedida na vida.

Devemos nos lembrar que o que é geralmente conhecido como uma educação pratica é a mais impratica possivel. O poder de pensar, de ajustar a mente ás realidades da vida; de chegar a verdadeiras conclusões por meio de dados cuidadosamente discriminados; desenvolver e aperfeiçoar bem as sensibilidades; tornar uma natureza ethnica inteiramente despertada — eis os pontos que constituem uma verdadeira educação pratica. A escrituração mercantil não é o primeiro nem o fundamental preparo dum guarda-livros; nem é a habilitade de medir depositos para cereaes e calcular juros, a primeira necessidade para sêr um bom agricultor. No eterno ajuste de coisas, aquillo que faz dum homem, um homem, supre a necessidade fundamental para vocações. Um guarda-livros ou um agricultor não são tão uteis como o homem que guarda os livros e o homem que cultiva a terra. Attendemos demasiadamente aos preparos immediatos exteriores, e não bastante aos poderes mentaes e do coração que tornam o homem capaz de modificar as condições e situações inesperadas á medida que surgem. Esta é a grande fraqueza no systema actual de preparo para o magisterio. Serviço efficaz poderá resultar sómente de

mulheres e homens preparados, mulheres e homens que de seus desenvolvidos poderes mentaes e do coração, possam não só conceber os meios de fazer face ás necessidades immediatas da instrucção, como ainda, no extenso campo da vida espirital, possam sentir as verdadeiras necessidades da vida que elles procuram desdobrar.

Qualquer que seja a differença de vistas quanto ao proposito do ensino, ella origina-se da diversidade de idéas quanto á natureza e alvos da vida. Si todos tivessem as mesmas idéas da vida, haveria unidade de fins educativos. Todos concordam que a educação tem por fim ajudar a viver — favorecer os interesses na vida; que o assumpto ou methodo de instrucção que mais auxilie na vida seja o escolhido. Mas, quando nos perguntam: — que é viver? — que é a vida? a simplicidade apparente do problema desaparece. O verdadeiro e comprehensivel objectivo no ensino é encontrado na natureza e no alvo da vida.

(*Continúa.*)



EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

E' por demais reconhecida a importancia dos jógos na educação. Seu valor, como exercicio physico, é incontestavel; sua vantagem sobre a gymnastica propriamente dita, não admite discussões. Dos jógos escolares ainda se pôde dizer que contribuem grandemente para a educação da vontade.

GUARDA

Os alumnos formam filas. Oito ou dez em cada fila, podendo haver qualquer numero de filas. A uns 5 metros de cada fila, fica destacado um jogador: é o *guarda*. Os ultimos alumnos de cada fila terão na mão esquerda bólas de uns 0,^m06 a 0,^m07 de diametro. O professor dará, com um apito, signal para começar. Ao signal, os jogadores das filas porão a mão direita nos quadris (3.^a posição fundamental) darão com o pé direito um passo á frente, inclinando o corpo bem para frente. Os ultimos alumnos de cada fila farão rolar as bólas *pela esquerda*, indo cada jogador dessa fila tocando-as para fazel-as correr mais depressa. O primeiro de cada fila ergue a sua bóla, devendo a fila immediatamente collocar-se em 1.^a posição. O primeiro ergue a bóla e joga-a ao *guarda*, que vae com ella collocar-se no fim da fila, passando o primeiro a sêr *guarda*. A fila dá um passo á frente, inclinando o corpo, com a mão direita em 3.^a posição, e continúa o jogo. Será vencedora a fila que primeiro conseguir que todos os seus jogadores tenham sido *guardas*.

Este jogo poderá soffrer variações, como seja:

JOGADORES EM FILAS

O chefe de cada fila segura a bóla. Ao signal do apito, passa a bóla ao jogador immediatamente atraz. O ultimo, to-

mando a bóla, corre e toca num objecto qualquer préviamente combinado (arvore, muro etc.) e leva-a para a fila passando elle agora a sêr o primeiro.

*
**

“VOLLEY BALL”

CAMPO. — Deve sêr um campo rectangular, cujas dimensões pôdem variar, conforme o espaço livre que se tenha disponível.

Um campo de $24^m \times 12^m$ dá bons resultados. Os lados desse campo devem sêr marcados com linhas bem visiveis. As linhas curtas chamam-se linhas *transversaes* e as compridas, *lateraes*.

RÊDE. — Dividindo o campo ao meio, no sentido da largura, parallelamente ás linhas transversaes estica-se, em postes, uma rêde de uns $0,90^m$ de altura e que deve ter o comprimento de toda a largura do campo. Deve achar-se a uns $2,40^m$ do sólo pôdendo sêr abaixada um pouco.

Quando não se tiver rêde, uma corda esticada á altura onde ella terminar, poderá servir.

BÓLA. — A bóla deve sêr redonda, de camara de ar, coberta de couro, de 200 a 260 grammas de peso, com uma circumferencia de 66 a 69 centímetros, isto é: grande, mas leve.

JOGADORES. — Nos jógos officiaes tomam parte 6 jogadores em cada lado. Este numero pôde variar para mais ou para menos, notando-se que quanto menos jogadores, mais exercicio farão.

Os jogadores são igualmente divididos nos respectivos lados ou campos. Os jogadores não têm zona limitada no campo, podendo sair da sua posição para socorrer um companheiro, devendo, entretanto, conservar tanto quanto possivel a sua posição.

O JOGO. — Tira-se a sôrte para escolha do campo e qual o lado que vae começar o primeiro jogo.

Os jógos seguintes, serão iniciados pelos *vencidos*.

No fim de cada jogo, os *teams* mudarão de campo.

Um jogador, isto é, o *sacador*, colloca-se na sua linha transversal quasi no canto esquerdo, ou direito, para dar o *saque*.

O *sacador* segura a bóla na palma da mão esquerda jogando-a um pouco para o ar, emquanto a mão direita bate na bóla com o intuito de fazel-a fassar *directamente por cima da rêde* e cair no campo opposto dentro do limite da linha transversal e da lateral. Os jogadores do campo inimigo procurarão rebater a bóla antes que ella toque ao chão, e fazel-a cair no campo donde partiu.

Só o *sacador* poderá segurar a bóla na occasião do *saque*; nenhum outro jogador poderá voluntaria ou involuntariamente pegar ou segurar a bóla.

A bóla póde sêr rebatida em qualquer direcção, com a cabeça, com uma ou ambas as mãos, abertas ou fechadas, mas não deve tocar no chão, póste etc., sair fóra do campo, ou passar por baixo da rêde. Póde sêr batida por qualquer numero de jogadores antes de sêr jogada para o campo opposto, mas não deve sêr tocada duas vezes consecutivas pelo mesmo jogador.

Qualquer bóla, *excepto a do saque*, póde sêr salva, ainda que tenha tocado na rêde.

As bólas que cairem *nas linhas* transversaes e lateraes, serão consideradas *boas*, isto é, como si tivessem cahido dentro do campo.

Cada *sacador* continuará a *sacar* a bóla, até que a sua turma perca um ponto. *Sacará* então a turma opposta. Cada vez que um lado começa novo *saque*, mudam de posição os jogadores desse lado, rodando á esquerda. Ha deste modo um *sacador* novo cada vez que a um *team* cabe a vez de *sacar*.

Os PONTOS. — O jogo constará de 15 pontos. Quando ha empate de 14 a 14, será necessario que um *team* faça dois pontos mais que o outro, para ganhar a partida.

Faz-se *um ponto* quando a turma que recebe o *saque* não devolve a bóla legalmente para o campo opposto.

Si a bóla cair ao chão no campo do *sacador*, ninguem marcará ponto e o *saque* passará para o outro lado.

Um sacador perde o saque:

- 1.º) Quando no saque a bóla tocar na rêde, poste etc.
- 2.º) Quando a bóla deixar de passar por cima da rêde.
- 3.º) Quando cair fóra do campo inimigo.
- 4.º) Quando, ao sêr rebatida, a bóla cair no seu campo.
- 5.º) Quando qualquer jogador do seu *team* praticar uma falta.

São consideradas *faltas*:

- 1.º) Segurar a bóla.
- 2.º) Bater consecutivamente duas ou mais vezes na bóla.
- 3.º) Passar a mão por cima da rêde para bater a bóla.
- 4.º) Tocar na rêde.
- 5.º) Entrar em campo inimigo.

*
**

COMPRAR FRANGOS

Todas as crianças, excepto duas, ficam de cócoras, com as mãos bem seguras uma á outra, embaixo dos joelhos.

Ficam de pé o *comprador* e o *vendedor*.

O *comprador* aproxima-se do *vendedor*, perguntando: —
Tem frangos para vender?

— Tenho, sim, e bons.

O *comprador* póde perguntar si são gordos, velhos etc.

O interessante da conversa entre o *comprador* e o *vendedor* depende da vivacidade e da graça que lhe derem aquelles que estão brincando.

O *comprador*, então, dirige-se aos *frangos* e examina-os, até encontrar um que lhe agrade. Elle e o *vendedor* tomam esse *frango* pelos braços e o balouçam tres vezes. Si os braços resistirem e o *frango* não sorrir, será este considerado bom e irá com o *comprador*.

*
**

VELHINHA DO BOSQUE

Dez ou mais meninas tomarão parte. Estarão dispostas, frente a frente, em duas linhas não muito distantes uma da outra.

Combinam previamente a *ocupação* (de mulher) que vão representar. A linha que inicia o brinquedo adeanta-se um passo ou dois, dizendo: — *Aqui vem a velhinha do bosque.*

O outro grupo, então, pergunta: — *Que sabe ella fazer?*

Todas do 1.º grupo immediatamente imitam a *ocupação* escolhida para a velhinha.

O 2.º grupo procurará adivinhar qual é essa *ocupação*. Si adivinhar, imital-o-á.

Correm então as crianças do 1.º grupo até á casa da velhinha, isto é, até ao *piques*. As que forem pegadas passarão ao outro grupo. O 2.º grupo escolherá a *ocupação*.

Ganhará o grupo que no fim dum certo tempo, ou depois dum numero de *ocupações*, tiver maior numero de crianças.

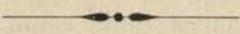
Si o 2.º grupo não adivinhar a *ocupação* que as meninas do 1.º estão representando, estas escolherão outra *ocupação* para recommear o jogo.

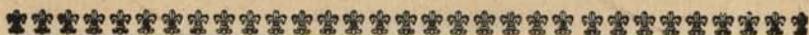
VARIAÇÃO. — Os meninos poderão fazer este mesmo brinquedo com o nome de *profissões*, ou *empregos*.

O dialogo inicial poderá ser, mais ou menos, como o seguinte:

- Venho de longe.
- De onde vem?
- De Jerusalém.
- Que sabe fazer?

Em resposta, imitarão a *profissão* escolhida.





O «FOLK-LORE» NAS ESCOLAS

A LENDA DA MANDIÓCA

O cacique duma tribu de indios tinha uma filha, linda como a lua. Moça muito trabalhadeira e boa, era em casa quem fiava o algodão, quem tingia o panno, quem fabricava o *caoin*. (1)

Um dia o pae começou a ficar triste, tornando-se aspero e rancoroso com todos. Tudo porque a filha — a alegria da tribu, como que enfeitçada, adoecera, não havendo esperança alguma de a salvar.

— Pae, disse a moça, não se moleste assim. E' preciso paciencia. Em breve estarei restabelecida.

A moça não se enganara.

Nessa noite, quando o pae dormia na rêde, teve um sonho, em que lhe appareceu um homem branco, — tão bello e tão distincto, que parecia um deus. Appareceu-lhe e disse:

— De nada vale essa tristeza e esse rancor. Socega, que tua filha em breve estará restabelecida, mas terás que pagar a sua cura com um desgosto não menos grande.

Então o pae socegou, mas, ás vezes, preocupavam-lhe muito as palavras que elle ouvira do mensageiro branco. Que iria acontecer ainda?! . . .

Passaram-se varias luas, o que é o mesmo que dizer — varios mezes. A filha do cacique foi-se restabelecendo e ficando cada vez mais linda, emquanto sua unica filhinha, que era o enlevo do velho cacique avô, ia-se fanando aos poucos, como uma flôr. Era uma criança linda como a estrella da manhã. Não era côr de cobre como sua mãe, não. Era côr de leite e côr de rosa. A menina ao nascer recebeu o nome de *Mani*. Era tão intelligente que, um anno depois de nascida, já falava e entendia tudo como gente grande.

(1) — *Caoin* — bebida muito apreciada pelos indigenas e que é feita de milho.

Um dia, a mãe, que já tinha ficado completamente boa, viu, com espanto, a menina torcer os olhos e cair para traz morta.

O avô ficou muito triste. Realizara-se o que elle ouvira do mensageiro branco, no sonho. A mãe quasi succumbiu de dôr. Pegaram do corpinho côr de leite e côr de rosa, e o enter-raram no quintal da casa.

Todos os dias a mãe vinha e regava a cóva. Ao cabo dal-gum tempo começou a brotar da sepultura uma planta desconhe-cida. A planta cresceu. Suas folhas eram espalmadas, com qua-tro a cinco pontas. Seu caule era cheio de nós. A planta deu flôr. Depois a flôr virou fruto. Os passaros vieram, comeram os frutos, e saíram voando, tontos, como si estivessem embriagados.

Um dia a terra da cóva rachou. Então, o avô e a mãe de *Mani* resolveram cavar a terra. Cavaram. Não encontraram mais o corpo de *Mani*. Encontraram uma raiz grossa, carnuda. Pica-ram a raiz, e della saíram umas gotas côr de leite, côr da pelle de *Mani*. Ralaram a casca, e a casca por dentro era côr de rosa, côr da pelle de *Mani*. Fizeram da raiz um bolo, muito gostoso, de que toda a familia comeu.

Essa planta recebeu o nome de *maniôca*, palavra que quer dizer *casa de Mani*.

Os brancos, porém, corromperam a palavra para *mandióca*.

E foi assim. (2)

*
**

O JOGO DO BICHO (3)

Certo governador, diariamente, com as devidas cautelas fazia a sua "fézinha" no jogo do bicho. Quem lhe dava pal-pites era a cozinheira do palacio, uma preta velha. Depois do café matinal, quando o governador passeava no jardim

(2) — Conhecemos da presente lenda diversas variantes, parecendo-nos esta a melhor e que é mais ou menos a que regista o illustre "folk-lorista" Carlos Góes.

(3) — E' um jogo de azar, por excellencia, creado pelo Barão de Drumond, no Jardim Zoologico, e mais tarde introduzido na loteria. E' um jogo nocivo e que deve sêr combatido por todos os meios.

dá sua residencia, a negra fiel o procurava para lhe contar os sonhos que tivera durante a noite.

Um dia, os dois não se avistaram cêdo, como de costume. Por isso, á tarde, quando se soubera que havia dado o tigre, a preta velha procurou o governador em seus aposentos e ahi entre ambos se travou este dialogo:

— Ora, seu (4) *governadô*... Eu hoje *lhe pastorei* (5) mas não vi *vossa incelença* (6) de *minhã*, pois eu *honte* tive um sonho tão bom p'ra *trigue!* Eu sonhei que *tava* fazendo um *pandeló!*...

— E o que tem pão de ló com tigre?

— Oh! *doutô*... pois *pandeló* não se faz com farinha de *trigue?*!...



A OPINIÃO DO MESTRE

Verissimo, *mestre* duma “philarmonica,” em tardes de novena, reunia a sua “banda” no patamar da Igreja Matriz e só executava tangos, valsas e polkas muito antiquadas e futeis. Debalde o parochó procurava incutir-lhe o gosto das musicas classicas, dignas de solemnidades religiosas. Verissimo *não ligava* a sermão de *conseio* (7) e a sua opinião é que valia.

Toda a vez que a banda sahia á rua, era de se apostar como fazia tocar o dobrado “Affonso Penna” ou o “Saudades de minha terra.” Isso era infallivel.

Um dia o vigario *estrilou* (8) e não quiz saber de historias; chamou o Verissimo e lhe disse energicamente que cuidasse duma vez em melhorar o repertorio, sinão elle *arrebanhava* (9)

(4) — *Seu* — o mesmo que senhor.

(5) — *Pastorei* — (pastorar) procurar alguem, vigiar ou ficar a espera.

(6) — *Vossa incelença* — vicio de pronuncia — em vez de vossa excellencia.

(7) — *Não ligar a sermão de conselho* — não dar importancia a observação de outrem.

(8) — *Estrilar* — zangar-se, encolerizar-se.

(9) — *Arrebanhar* — reunir, congregar.

outra musica. Escolhesse ao menos as peças e acabasse com as valsinhas e os tanguinhos do *tempo da zagaia*. (10) Veríssimo coçou a cabeça e respondeu, contrafeito:

— *Seu vigario*, eu falo franco: eu não gosto disso, não. Cá p'ra mim a *musga* boa é que nem a leitura *fáci*: — todo o mundo compreende!

*
**

ADIVINHAS

- O que é, o que é? . . . pé redondo, rasto comprido?
 — E' carro.
 — O que é, o que é? . . . pé comprido, rasto redondo? . . .
 — E' compasso.
 — O que é, o que é:
 Somos diversos irmãos,
 Moramos num arruado;
 Quando um de nós erra a casa,
 Todos nós vamos errados?
 — E' botão.
 — Qual é a ave que não tem penna?
 — E' a avelã.

*
**

TROVAS, BROCARDOS E APHORISMOS

Cantador que dá-se a preço (11)
 Não se areia (12) nem faz troça;
 Sujeito de bom calibre
 Depois de velho remoça;
 Quem beija a boca de um filho
 A boca de um pae adoça.

(10) — *Tempo da zagaia* — antigamente, noutros tempos.

(11) — Estas estrophes arrançadas com tanta espontaneidade em torno dum ditado, são do cantor cearense Jacob Passarinho; vêm registadas pelo sertanista Dr. Leonardo Motta, em seu livro "Cantadores." E' uma amostra feliz de como os nossos cantores nativos cultivam "com relativa vantagem, os trocadilhos e o jogo de palavras e phrases."

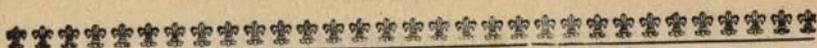
(12) — *Arear-se* — perturbar-se, atrapalhar-se.

Nossa Senhora é Mãe nossa,
Jesus Christo é nosso Pae.
Na minha boca, repente
E' tanto que sobra e cáe . . .
Quem beija a boca de um filho
Adoça a boca de um pae.

Mostro a quem vem e a quem vae,
Mostro a todos de jornada:
Mais vale quem Deus ajuda
Do que quem faz madrugada.
Quem beija a boca de um filho
Deixa a de um pae adoçada.

Este mundo é uma charada . . .
Ai de mim, si Deus não fôsse!
Repente em minha cabeça
Ainda não acabou-se:
Quem beija a boca de um filho
Deixa a boca de um pae doce.





ESCOTISMO

ESCOTISMO

Ao serem iniciados, os escoteiros promettem, pela sua honra,
— *amar a Patria e servil-a fielmente na paz e na guerra.*

E' um dever e mais que isso, um juramento, que pela fé dos nossos homens e pelo exemplo do nosso passado, deve florir, espontaneo em entusiasmo, em esperança e em alegria, da alma e do coração dos jovens brasileiros.

A primeira condição para que um jovem possa amar a sua Patria, é conhecel-a através do seu passado, no seu presente, conhecel-a em todas as suas manifestações — da terra e dos homens.

E' preciso, portanto, em primeiro lugar, que elles — os moços — tenham uma noção do que é a Patria, para bem amal-a e melhor servil-a, tanto na paz como na guerra.

Vejamos o que é a Patria:

A Patria é a nossa mãe commum. Devemos amal-a dum amor religioso que nos integre dentro da sua propria consciencia; amal-a com entusiasmo, com fé, para que a sua imagem seja sempre presente em nosso coração e em nosso espirito.

A Patria — é preciso compreender — não se restringe ao berço; é ampla, é immensa, abrange, numa complexidade de motivos — a raça, a lingua, os feitos da historia, a terra e o homem.

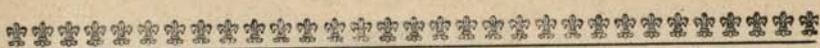
Ruy Barbosa — o primeiro dos brasileiros pela mente e pelo coração, escreveu: “Ella é o céu, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados: a communhão da lei, da lingua e da liberdade.”

O Brasil é a nossa Patria. A elle devemos o nosso amor e o nosso culto — amor e culto eguaes em todos os corações. Amal-o e servil-o com solicitude, sem indignos interesses pesoaes, propugnar pelo seu progresso moral e material, defendel-o dos seus inimigos e sagrar á sua gloria todo o nosso esforço

e a nossa fé, na certeza de vê-lo sempre aumentando no conceito das grandes nações do globo, é uma obrigação de sangue.

Basta para isso, que cada brasileiro cumpra o seu dever na actividade a que se votar, e a Patria se sentirá feliz com os seus filhos. Sem alarde e exhibições ephemeras, o patriotismo está em sermos dignos do Brasil, amando-o, honrando-o, servindo-o com honestidade.





VULTOS E FACTOS

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)

GALERIA NACIONAL



ROSALINA COELHO LISBÔA

Para se dizer, com admiração, da belleza que certas almas privilegiadas vêm, num divino mistér, espalhando sobre a terra, seria preciso sêr como aquelle rei de Stephen Phillip, cujas palavras eram de ouro e cujos pensamentos refulgiam aos olhos como pedrarias.

Mas, embôra nos faltem dons divinatorios para exaltar, sobra-nos a sinceridade de coração, a transparencia de alma para sentir e communicar essa força de elogio, espontanea, que é fé e incentivo, que é carinho e bondade.

Apresentamos hoje uma poetisa — *Rosalina Coelho Lisbôa*, mocidade triumphante, que ao lado de Francisca Julia, Julia Lopes e Julia Cortinez — as tres Julias, Gilka Machado, Maria Eugenia Celso e Cecilia Meirelles, estas em plena alvo-

rada gloriosa, affirma em nossas letras a contribuição magnífica da mulher brasileira.

A nobreza com que Rosalina Coelho Lisbôa, num esforço de perfeição e de unidade, fixa as imagens, prende os seus pensamentos, compondo sonetos ao espelho duma tão alta sensibilidade, tecendo de sonhos os seus motivos lyricos dum tão requintado lavor e dum rythmo tão puro, á maneira dos mestres parnazianos, valeu-lhe a justa sagração com que a nossa Academia de Letras, em 1922, lhe premiou os primeiros poemas reunidos em volume.

“Rito Pagão” é bem a alma da artista revelada, onde cada estrophe, cada verso, é um evangelho que se desdobra num estímulo, numa esperança de felicidade.

Lêde, mas lêde com os olhos da mente, a fala de amor materno que se desabrochou na delicada intuição e harmonia destes versos commovidos:

A MINHA FILHA

Faze de teu conforto e de teu pão
O bem de amigos e de estranha gente.
Aperfeiçoa, em sonho, a tua mente,
Aperfeiçoa, em dôr, teu coração.

Si, no apogeu da desesperação,
As lagrimas te vierem num repente,
Que só povoem silenciosamente,
O segredo da tua solidão.

Sê generosa para os maus e os nescios.
No embate cruel que a toda vida vem,
Os teus desejos de ventura, esquece-os.

A má revolta de teu sêr contém,
E os fios toma á tua magua, e tece-os,
Em trama de ouro, para o alheio bem.

Que divino enternecimento! Quanto de gloria e de verdade nessas quatorze linhas ditadas pelo amor e trabalhadas com a argilla viva dos sentimentos!

A's vezes, nota-se, ao lêr os seus poemas, que lhe sobressalta o coração uma vaga ansiedade; outras, é uma dôr tão forte que a açula, o scepticismo que a tenta, mas numa attitude de quem traz a alma temperada a todos os embates, certa do triumpho que a espera, a artista pisa as urzes do caminho á sua frente, serena e forte no sacrificio, "recebendo o alento que da propria dôr provém."

Dos seus poemas, bellos como frutos sadios duma arvore magnifica, emana um lyrismo sincero, que conforta e que nos faz amar, sentir e viver a vida em toda a sua plenitude.

Nem a Patria ficou esquecida em "o rito de luz do seu culto pagão."

Vêde com que belleza, com quanto orgulho nobre e bom, ella canta a maravilhosa terra de Chanaan, terra do seu berço e do seu sangue, — do nosso berço e do nosso sangue tambem:

TERRA DE SANTA CRUZ

Rendilhada de luar, para a gloria da vida,
Num fausto sem equal, abrindo o seio em flôr,
De thesouros pejada, ante o descobridor
Uma ignota região jazia adormecida . . .

E o estrangeiro indagava, em sua alma atrevida,
Que força arrancaria a riqueza e o esplendor
Dessa presa opulenta ao inclito valor
De sua raça, em mil conquistas aguerrida . . .

Mas dos mastros heris a rijeza se erguia
Para o espaço, onde, em lacteas luzes de alabastros,
A pompa millenar das estrellas fulgia.

E o olhar do heróe seguiu a indicação dos mastros:
— Patria; no alto, abençoando esta terra bravia,
Deus velava, na cruz de Christo aberta em astros! . . .

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

AS MENTIRINHAS

— RONDA INFANTIL

(Letra da musica annexa)

Companheiras, nossa ródá
Vamos logo começar;
Quem souber dalguma coisa
Faça o favor de contar.

Trá, lá, lá, dona Rosinha,
Trá, lá, lá, póde contar.

Vou contar-vos uma coisa
De que não duvidareis:
Meu gatinho pegou, hontem,
Dois ratinhos de uma vez.

Trá, lá, lá, parece peta,
Trá, lá, lá, não póde sêr,
Trá, lá, lá, mas é verdade,
Trá, lá, lá, posso dizer.

Pois o gato pega o rato,
Mas só um de cada vez...
Meu gatinho pegou hontem
Dois ratinhos de uma vez.

J. B. MELLO E SOUZA.

As mentirinhas

RONDA INFANTIL

Letra DE S. B. Mello e Souza
Música DE Julieta Miranda

Introdução *f* Pim

Com pa

Canto

nha ras nessa roda Va mos lo go ce mo sar Quem sou ber del go ma

coisa fa ço fa zer de can tar Tra la lá do na Ro se nha Tra la

lá no de can tar Tra la lá do na Ro se nha Tra la lá no de can

ta. Vou em tar ver u ma cousa De que nas du-vidas pois meu ga-

ti nho negou ontem Deus ra te nhos deuma vez Tra la la parece

na ta Tra lá lá Não pode ser Tra la la mas é ver da de Tra la

lá por so de zer. Pou o ga-to ne-ga-o ra-to mas um so de ca-da

vez Meu ga ti-nho ne-gou ontem Deus ra te-nhos deuma vez

Extr. de "Ilustração Brasileira"

INSTRUÇÃO PUBLICA

LEI N. 2.095 — DE 24 DE DEZEMBRO DE 1925.

Approva o decreto n. 3.858, de 11 de junho de 1925, expedido pelo Poder Executivo, e que reformou a Instrução Publica do Estado.

O Doutor Carlos de Campos, Presidente do Estado de São Paulo,

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º — Fica approved o decreto n. 3.858, de 11 de junho de 1925, expedido pelo Poder Executivo, e que reformou a Instrução Publica do Estado, com as seguintes modificações:

AO DECRETO N. 3.858, DE 11 DE JUNHO DE 1925

Ao art. 28. — Substituíam-se as palavras — “ dos do quarto anno,” por estas: — “dos do ultimo anno.”

O paragrapho unico do art. 44 passa a constituir o paragrapho primeiro do mesmo artigo.

Ao art. 44 accrescente-se:

Paragrapho 2.º — São applicaveis aos professores do curso complementar as disposições dos arts. 16 e 17 e seus paragraphs, do dec. n. 3.205, de 29 de abril de 1920.

Paragrapho 3.º — Os demais funcionarios didacticos e administrativos da Instrução Publica, poderão interromper o respectivo exercicio, em caso de molestia, devendo communicar immediatamente á autoridade competente seu estado e proval-o mediante attestado medico, offerecido com o requerimento de licença, dentro do praso legal de 8 dias.

Paragrapho 4.º — Os funcionarios do ensino poderão gozar da licença obtida onde lhes aprouver, dentro do paiz e —

salvo nos casos das licenças especiaes do art. 13 da lei n. 1.710, de 1919 e art. 19 da lei n. 1521, de 1916 — reassumir o exercicio a qualquer tempo.

Redija-se assim o art. 52:

O provimento das cadeiras creadas por esta lei será feito livremente pelo governo em suas primeiras nomeações, e os das que se vagarem, por nomeação interina durante tres annos, mediante prévio concurso.

O § do mesmo artigo passa a ter a seguinte redacção:

§ 1.º — No fim dos tres annos, provada a capacidade profissional, por proposta do director da escola será o candidato nomeado effectivamente.

O § 2.º do art. 56 redija-se:

§ 2.º — Os actuaes funcionarios cujos cargos se supprimam, ficarão addidos ás respectivas escolas até seu aproveitamento em outros logares, sem prejuizo dos vencimentos que percebiam.

A tabella n. 13 rectifique-se de accordo com o original: onde se diz — “auxiliar de professora — 3:000\$ — diga-se: 4:200\$.

O art. 53. — Passe para as Disposições geraes.

Supprima-se o § 2.º do art. 101, passando o § 3.º a constituir o 2.º

Substitúa-se o art. 104, pelo seguinte:

Art. 104. — Os serventes da Instrucção Publica serão nomeados e dispensados livremente por portaria do Director Geral da Instrucção Publica sob proposta dos directores dos respectivos estabelecimentos de ensino.

Onde convier, acrescente-se:

ART... — Os actuaes amanuenses de gymnasios e escolas normaes passarão a ter a denominação de 3.ºs escriptorarios.

Nas tabellas de vencimentos:

Nas de ns. 8 e 9, depois da palavra “extraordinario” acrescente-se:... “mesmo em se tratando de desdobramento.”

No art. 53, onde se diz “trinta faltas injustificadas,” diga-se: “quarenta faltas injustificadas.”

Onde convier, acrescente-se.

ART . . . — Fica instituido o “Orpheon Infantil Paulista,” composto de todos os alumnos das duas secções dos grupos-escolares do Estado que frequentam os terceiros e quartos annos.

§ 1.º — O fim principal do Orpheon é desenvolver o gosto *pelo canto* e pela poesia nacional.

§ 2.º — Tanto as poesias como as musicas devem sêr de autores brasileiros e só pôdem entrar em execução uma vez que tenham sido adoptadas pela Directoria Geral da Instrucção Publica.

§ 3.º — Cada grupo-escolar terá o seu Orpheon com o nome do estabelecimento, e todos elles serão dirigidos pelo inspector especial de musica.

§ 4.º — Os ensaios do Orpheon realizar-se-ão aos sabbados e durarão 50 minutos.

§ 5.º — Nas localidades onde houver mais de um grupo-escolar, os Orpheons se reunirão mensalmente para ensaiar em conjunto.

Artigo . . . — Fica supprimida, a contar de 1.º de julho ultimo, a gratificação de 100\$000 mensaes “pro-labore,” aos directores dos grupos-escolares pelos desdobramentos.

Artigo . . . — Fica o Governo autorizado a aproveitar os actuaes professores especiaes de musica, gymnastica, desenho e trabalhos manuaes das escolas complementares, como auxiliares dos inspectores especiaes daquellas disciplinas, com os vencimentos da tabella n. 7.

Na tabella dos vencimentos n. 13, accrescente-se: “porteiro, 3:000\$000; servente, 1:800\$000.”

Nos artigos 42 e 43, substitúa-se a palavra “funcionarios” por “professores.”

O artigo 41 redija-se assim:

Artigo 41. — As faltas dos professores, por motivo de molestia em sua pessoa, são justificaveis até tres por mez, devendo nos outros casos observar-se a regra adoptada para o funcionismo em geral.

Supprima-se o § unico do art. 43.

Supprima-se o art. 92.

Ao artigo 45 accrescente-se:

§ 3.º — As escolas normaes que não tiverem cem alumnos matriculados serão transformadas em escolas professionaes.

Artigo . . . — Para as escolas ruraes de logares afastados dos centros mais populosos e sem communicação por via ferrea, onde por falta de pessoal diplomado, verificado nos concursos annuaes, não fôr possivel fâzer-se nomeação effectiva, poderá o governo nomear professores interinos, examinados por uma commissão de tres membros, presidida pelo inspector geral da zona.

§ 1.º — Os professores interinos a que se refere este artigo, deixarão as respectivas cadeiras logo que se apresentarem, requerendo-as, professores diplomados.

§ 2.º — Os vencimentos dos professores interinos serão de 3:000\$000 annuaes, sem direito a licença e a outros favores de que gozam os professores effectivos.

Supprima-se a letra “e” do artigo 33.

O artigo 51 substitúa-se pelo seguinte:

O governo fará a distribuição das materias de que trata o artigo 49, pelos diversos annos do curso normal, de conformidade com as exigencias do ensino.

Ao artigo 5.º accrescente-se:

§ 1.º — O governo modificará o Codigo Disciplinar existente, de fôrma que as syndicancias e processos administrativos sejam julgados pelo Conselho Geral, com recurso para o Sr. Secretario do Interior.

§ 2.º — A pena de demissão só será decretada pelo Sr. Presidente do Estado, mediante proposta do Conselho.

No Titulo V, da Repartição do Almojarifado, accrescente-se, onde convier:

Artigo . . . — O Almojarifado da Secretaria do Interior, directamente ligado á Directoria Geral da Instrucção Publica, fica denominado Almojarifado da Instrucção Publica.

No final do artigo 102, diga-se: “das leis n. 1521, de 1916 e n. 1.710, de 1919.”

O art. 32 redija-se assim:

Artigo 32. — Os adjuntos de grupos-escolares da Capital serão tirados:

a) dois terços, dentre os professores com um anno, pelo menos, de exercicio, em escola urbana da Capital, e quando não haja professor com esse tempo minimo de exercicio, prevalecerá a classificação do respectivo concurso;

b) um terço, dentre os professores com 5 annos, pelo menos, de exercicio, em grupo-escolar do interior, mediante remoção por merecimento, requerida pelo professor, em dezembro de cada anno.

§ 1.º — A Directoria Geral da Instrução, á vista dos requerimentos recebidos, organizará e publicará até 31 de janeiro seguinte e depois de approvada pelo Secretario do Interior, a lista de merecimento, com a respectiva classificação, determinada pelas promoções alcançadas durante os ultimos tres annos, prevalecendo, em egualdade de classificação, a antiguidade effectiva.

§ 2.º — Essa classificação vigorará durante o anno lectivo.

O paragrapho unico do artigo 32, do citado decreto, passará a figurar como paragrapho unico do artigo 34.

A's disposições transitorias accrescente-se:

Artigo ... — Aos alumnos das escolas normaes, reprovados até tres materias, este anno, será permittido repetir os exames na segunda quinzena de janeiro de 1926.

§ unico. — As notas obtidas nesses exames rectificarão as alcançadas na 1.ª época.

Artigo ... — No presente anno lectivo, os requerimentos de remoção de adjuntos de grupos do interior para os da Capital, serão entregues á Directoria Geral da Instrução Publica, até 15 de janeiro proximo futuro, e a respectiva classificação será publicada até 15 de fevereiro seguinte.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, 24 de dezembro de 1925.

CARLOS DE CAMPOS.

José Manoel Lobo.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 26 de dezembro de 1925. — O Director Geral, *João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior.*





SECRETARIA DO INTERIOR

INSTRUCCÃO PUBLICA

Varios despachos, pelo Ex^{mo}. Sr. Dr. Secretario do Interior

DEZEMBRO — 1925:

D. PLACIDINA GEORGINA CARNEIRO. — A' vista das informações, e bem assim do parecer do Sr. Dr. Vice-director-geral, não pôde sêr satisfeito o pedido da supplicante, porque quando iniciou o gozo da licença requerida para tratamento de saúde, nos termos do art. 7.º, § 1.º da lei n. 1521, de 1916, ainda não estava em vigor o decreto n. 3858, do corrente anno.

JANEIRO — 1926:

D. MARIA DA PENHA BORGES DE MORAES. — Sendo a escola da professora D. Maria da Penha Borges de Moraes situada em municipio do interior, sómente poderá sêr nomeada para escola urbana da Capital mediante concurso de provas a realizar-se em fevereiro, devendo a candidata inscrever-se, de 20 a 25 de janeiro, para adjunta de grupo-escolar do interior, afim de preencher o terço das vagas verificadas durante o anno lectivo.

D. AMELIA MONTEIRO DE BARROS MARRY. — Para que o funcionario seja submettido a inspecção de saúde fóra da Capital — conforme foi decidido pelo Sr. Dr. Secretario — é necessario que próve não poder locomover-se. — Submetta-se, pois,

á inspecção nesta Capital, ás 12 horas do dia 16 do corrente, na Inspeção Medico-Escolar.

ARLINDO DE AZEVEDO BITTENCOURT. — O adjunto Sebastião Fernandes Palma foi commissionedo no Gymnasio de Ribeirão Preto, apenas durante as férias. Além disso, commissionar adjunto de grupo-escolar duma cidade para substituir adjunto doutra cidade ou grupo, é contrario aos interesses do ensino e prejudicial aos direitos dos substitutos effectivos. Não tem lugar, pois, a remoção requerida pelo supplicante.

D. IRENE LOPES MARCONDES. — A requerente conta sete annos, dois mezes e onze dias de exercicio, ao passo que a professora classificada em 1.º lugar tem sete annos, quatro mezes e onze dias. Não procede, portanto, a reclamação.

A supplicante não tem os requisitos legais exigidos pela lei para a nomeação que pede, visto ter tempo apenas de substituta effectiva. Assim, ainda quando estivesse vaga a classe que pede, no 2.º grupo-escolar de Ribeirão Preto, aliás já preenchida com a remoção de professora com tempo legal em escola rural, não poderia sêr nomeada.

D. LAUDELINA MINHOTO. — Ha, em Boituva, um professor addido sem classe que — na fórmula da lei — deverá sêr nomeado para a vaga que se verificar com a remoção de D. Semiramis Portugal. A supplicante não pôde, pois, á vista disso, sêr attendida.

INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
-------------------------------	---

LIÇÕES PRATICAS:

Linguagem	4
Arithmetica	10
Geographia	14
Historia do Brasil	17
Instrucção moral e civica	20
Physica	22
Hygiene	25
Zoologia	27

PEDOLOGIA:

Evolução psychica da criança	31
A imaginação e suas variedades na criança	33

LIÇÕES DE COISAS:

Os oleos	35
As agulhas	36
O pirarucú	39
Os phosphoros	40
A cabra	43
O tempo	43
A imprensa	46
A pesca	47

QUESTÕES GERAES:

Palestras sobre ensino	49
Trabalho manual	53
Uma instituição util	57
A lingua vernacula	59
Importancia do brinquedo na educação	61

LITERATURA INFANTIL:

A boa lição	64
O rio	66
Uma lição	66
Não faças a outrem	67
A arvore	68
"Porque?"	69
Uma historia	70
Os gatos	72
O jardim da vovó	73
Contente-se com sua sorte	74
"Festa da bandeira"	76

e. METHODOLOGIA:	
Processo educativo	80
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jógos escolares	83
O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS:	
A lenda da mandiôca	88
O jogo do bicho	89
A opinião do mestre	90
Adivinhas	91
Trovas, brocardos e aforismos	91
ESCOTISMO:	93
VULTOS E FACTOS:	
Rosalina Coelho Lisboa	95
MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:	
As mentirinhas	98
INSTRUCÇÃO PUBLICA:	101
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos	107

REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção: LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS:

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Numero avulso	2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

TYP. SIQUEIRA
Rua Libero Badaró, 48
S. PAULO